



stan burke

# *um revólver para uma dama*



BB

*Um Revólver  
para  
uma Dama*

*Stan Burke*

*Alex Carter, tenta fugir do seu passado, onde é acusado de ter morto o próprio pai numa caçada, decidindo fugir, matando para se defender, torna-se defensor da lei, em Scott City, onde irá defrontar um juiz corrupto que detém a cidade sob seu mando através do medo e de suas fraudes. Carter encontra o amor de sua vida, salvando-a das garras do mal feitor Marshall.*

*Disponibilização: Luka  
Digitalização: Marina  
Revisão: Ana Marques  
Formatação: Edina*

## PRÓLOGO

FAZIA um calor insuportável naquele ano de mil oitocentos e setenta, em Nova Orleans. A única brisa mesmo quente e úmida, a minorar os efeitos do sol causticante, era a que vinha do Mississipi. Poucas pessoas se arriscavam a enfrentar as ruas poeirentas. Na estação ferroviária, um único homem descansava debaixo de uma marquise.

Era um bonito rapaz, de seus vinte anos. Trajava roupa impecável e elegante. Seu porte era atraente, boa estatura e ombros largos, cintura estreita. Seus cabelos eram louros e seus olhos, azuis, contrastando com sua pele bronzeada.

No momento, tinha uma expressão sombria, que mais se endureceu, ao ver a carruagem que se aproximava da estação. Vinham nela dois jovens, um rapaz e uma moça. Esta, muito bonita.

- Alex! - exclamou o rapaz que a acompanhava, saltando da carruagem. - Quer dizer que vai mesmo embora?

O aludido assentiu e olhou com impaciência para o relógio.

- Sim, e o trem deve estar chegando - olhou para o outro, reprovador. Porque veio, Roger?

Roger disse à moça para esperá-lo e foi para onde estava o louro.

- Alex - falou de supetão -, você não pode encarar os fatos desta maneira. Tudo não passou de um terrível acidente...

- Cale-se, Roger! - gritou, com voz dura, e uma expressão de pedra.

- Isso é um absurdo, Alex! - insistiu o outro. - Para onde pretende ir, se os seus amigos estão aqui?

Alex pareceu indiferente.

- Irei para qualquer lugar, contanto que seja longe daqui.

Roger pareceu desanimar. Olhou para a carruagem, de onde aparecia o belo rosto da jovem, muito ansioso.

- Venha, Dora... - pediu.

A jovem desembarcou, abrindo uma sombrinha, que a protegeria dos raios

solares. Ignorando o enxame de moscas que infestava o local, dirigiu-se para onde estavam os rapazes.

- Porque trouxe sua irmã, Roger? - novamente Alex consultou o relógio. — Está muito calor...

- Isto não importa - disse a jovem, fitando-o. - Gostaria de saber porque foge, Alex.

O rapaz esteve a ponto de revelar que fugia de si mesmo, de suas amizades, de tudo que lhe lembrasse o drama porque passou e que destruíra sua vida. Mas, apertando os lábios, conteve-se.

- Fique, Alex - pediu ternamente. - Todos nós procuraremos fazê-lo esquecer. Eu, mais do que ninguém.

- Não, Dora - abanou a cabeça, teimosamente. - Tenho que ir. Fugir para bem longe...

- Mas não pode fazer isso - exclamou Dora. - Pensou em nós, que ficaremos sofrendo de saudades, e sem sabermos para onde você foi. Já pensou nisso?

- Tenho pensado e sofrido, meus amigos - falou num sussurro. - Mas é algo mais forte que minha vontade. Não posso

esquecer o que os jornais noticiaram: «Alex Carter, herdeiro de fabulosa fortuna, mata seu próprio pai, num acidente de caça, perto do lago Okeechobee...»

Dora baixou a cabeça, mal contendo as lágrimas. Roger acompanhou-a em seu sofrimento.

- Foi um trágico acidente, Alex - disse Roger, emocionado. - Você não se pode culpar da fatalidade...

- Só sei que sou um assassino! - bradou, com a voz dolorida.

- Não é possível que ainda insista nisso - interveio Dora, alarmada. - O que se passa com você, Alex, que está tão atormentado?

Quando parecia que ele iria responder explicando-se melhor, tal era sua expressão, sua voz foi abafada pelo apito do trem que chegava. Os empregados surgiram, acenando a bandeira e acendendo a lanterna. Eram três horas.

- Pense bem, Alex - implorou Roger.

- Já o fiz - falou decidido. - Espero que você cuide direito dos bens que meu pai me deixou. . .

- Não se preocupe, Alex. Mas...

O trem acabava de parar na estação, trepidante. Em breve tornaria a partir, para bem longe.

- Alex - murmurou Dora, tocando em seu braço. - Você sabe que eu o...

- Não o diga, peço-lhe.

A jovem, trêmula e abatida, baixou seus negros olhos.

- Eu o seguirei - sussurrou.

- Isso não - falou Alex, também num sussurro. - Parto justamente para não estragar sua vida. Ao meu lado, ninguém mais poderá ser feliz.

Sem que pudessem impedi-lo, Alex entrou no trem.

Em vão, os dois irmãos procuraram seu rosto numa das janelas. Ele sumira lá dentro. E o comboio, resfolegante e silvando, começou a deslizar pelos trilhos.

Em breve, já deixara para trás a estação, de onde duas pessoas acenavam para alguém que não as via.

Quando não mais se via o trem, Roger e Dora, com fisionomias abatidas e desalentadas, saíram da estação e foram para a carruagem.



## CAPITULO I

- Mais uma dose, garçom! Dificilmente se poderia reconhecer naquele homem embriagado, o jovem Alex Carter. Estava num saloon de Scott City, perto de Nevada, vizinho à fronteira da Califórnia.

Sua figura atlética e bem proporcionada de antes, estava agora mais pesada. Sua cor bronzeada estava mais acentuada e seus olhos azuis, mais profundos.

Vestia um traje, de vaqueiro, empoeirado e um tanto surrado. De sua cintura, pendia um colt, colocado de maneira a facilitar o saque.

- Tem dinheiro, amigo ? - perguntou o dono do estabelecimento, um homem gigantesco. - Previno-o de que...

Não terminou a frase. Alex estendera seu possante braço e segurara o homem pela gola da camisa.

- Pedi mais uísque, ouviu? - exclamou. - trate de atender-me!

Havia qualquer coisa de feroz no olhar do jovem, que fez com que o taberneiro estremecesse e se decidisse a atendê-lo.

- Sim, senhor - exclamou, colocando o copo na frente de Alex.

Quando ia se retirando, com a garrafa na mão, o rapaz o impediu.

- Deixe-a aqui, de uma vez - e tirou-a violentamente .

- Ei, Joss! Não vai nos servir? Eram dois vaqueiros que haviam chegado e pediam cerveja.

- Depressa, Joss. Temos a garganta tão seca que tomaríamos toda a cerveja que há no mundo.

O taberneiro pareceu respirar aliviado. Era como se lhe tivessem tirado um peso tremendo dos ombros. Atendeu-os, solícito.

- Olá, rapazes. É um prazer revê-los, após tanto tempo - procurava disfarçar seu estado de ânimo, mas não o conseguiu.

- O que há, Joss? Está com uma cara...!  
- disse um dos vaqueiros.

- Sim. Parece que vai ter uma «coisa». O que há? - indagou o outro, sério.

- É que aquele camarada.. .

Indicou discretamente Alex, que no momento levava a garrafa aos lábios. Os três o olhavam, de cenho carregado.

- O que tem ele... ? - perguntou um deles.

- Como vêem, está bêbedo - disse em voz baixa. Mas é uma bebedeira estranha, rapazes.

- Porque estranha? O que tem de particular?

- Muita coisa - respondeu o homem, dando nova olhadela para Alex e ficando mais nervoso.

- Tenho experiência no ramo e nunca vi um homem ficar bêbedo desta maneira estranha.

- Ainda não entendemos o que quer dizer - resmungou um dos vaqueiros.

- É que quanto mais bebe, mais firme e inquisitivo se torna seu olhar. Sua mão não treme, nem sua voz se arrasta. E quando nos olha, parece penetrar no mais íntimo de nossos pensamentos. Deve ser um perigoso pistoleiro.

- Na verdade, sua aparência não diz outra coisa - assentiu um dos vaqueiros. E se entreolharam, sorrindo.

- O que é, rapazes ? - Joss parecia inquieto.

- Que estão planejando?

- Escute, Rob. Tenho uma idéia - falou um para o outro.

- Esperem, rapazes - advertiu Joss, colocando a cabeça entre eles. - Ouçam meu conselho, de homem acostumado com bares e homens embriagados. Muitas vezes, um bêbedo é mais perigoso do que quando sóbrio...

- Acha, Joss? - Lee sorria, olhando para Alex, como a medi-lo. Mas parecia resolvido a terminar o conteúdo de seu copo.

- Ouçam-me - insistia Joss. - Este sujeito tem a pinta de que é perigosíssimo, tanto sóbrio como bêbado.

- Você não nos conhece ainda, Joss. Somos também perigosos, sabemos manejar armas - comentou Reb. - Vamos, Leo?

- Sim, mas nada de sangue, não é?

- Lógico, não somos criminosos - disse o outro. - Só o desarmaremos.

Conseguiram desvencilhar-se do taberneiro, que tentava impedi-los. E caminharam até Alex, que fingia não vê-los.

- Olá! Não nos convida para beber? - exclamou Rob.

Finalmente, Alex, que percebera todos os movimentos e conversas furtivas dos três homens, virou-se e encarou-o. Sorriu.

- Se eu tivesse dinheiro, bem que os convidara, rapazes. Mas estou «liso» - falou num queixume.

Os vaqueiros riram à vontade.

- Bem, vejamos... - disse Rob. - Sendo assim, quem pagará essa garrafa?

Alex deu de ombros.

- Sei lá! Talvez vocês. .. ? Novas gargalhadas.

- Nós... ? Pois se iremos beber para você pagar a despesa...

- Sim, ele tem razão. E se não tem dinheiro, não faz mal. Há outras maneiras de se pagar uma dívida - Leo olhou para detrás do balcão. - Joss! Você tem louça para lavar?

- Se tenho! - exclamou Joss, inocentemente. - Uma verdadeira pilha...

- Pois bem - atalhou-o Rob - Que acha de dar uma garrafa ao jovem aqui, em troca de que ele lave toda a sua louça?

- Puxa, seria ótimo! - Joss parecia exultar .

De repente, ficou sério e pálido.

- Ei, estão querendo me meter na confusão, é? - estava assustado com o olhar de Alex. - Eu mesmo lavarei meus pratos, corno sempre o faço.

E, para completar, apanhou outra garrafa.

- Venham, rapazes - convidou. - Hoje quem paga é a casa.

- Não, Joss. quem vai pagar, com muito gosto, é o rapaz aqui, ouviu?

- Mas se eu tenho o prazer de convidá-los...

- Não insista, Joss. Não queremos que você tenha prejuízos. Por isso, vamos pedir ao jovem aqui que se apresse e vá logo para o outro lado do balcão. Comece a lavar - e olhou para Alex, zombeteiro.

- Terei que lavar pratos? - Alex fez cara de assombro.

E, sem nada acrescentar, movia a cabeça, numa negativa. Finalmente, falou:

- Sinto muito, rapazes. É coisa que nunca fiz em minha vida e não pretendo

começar agora. Ficarão sem a garrafa - replicou Alex.

- Então, prefere que lhe metamos uma bala no coração? - perguntou Rob encarando-o.

Num passe de mágica, todas as mesas foram arrastadas e os demais frequentadores, que haviam feito silêncio e acompanhavam toda a conversa, abandonaram seus lugares, precipitadamente.

- Pelo que vejo, você não quer ser nosso amigo. . . — começou Leo.

- Sendo assim, é nosso inimigo - falou o outro. - Merece morrer.

Alex, desde o princípio, percebera que aqueles dois não tinham realmente a intenção de levar o caso a sério. Pareciam-lhe mais dois rapazinhos de cabeça ôca. Totalmente despreocupado, virou-lhes as costas.

Aquilo só serviu para enfurecer e humilhar Rob, que avançou.

- Maldito, vou esmurrá-lo! - bradou, fora de si.

Alex o encarou.

- Só porque não topei a brincadeira? - falou sorrindo.

- Que brincadeira?

- Você me entende - respondeu. - Percebi logo que não pretendiam mesmo matar-me.

Os vaqueiros se fitaram, espantados e indecisos. Estava claro que não esperavam por aquela reação.

- Vou matá-lo! - bradou Rob. - Vamos, levante-se, se não é um covarde!

Ouviu-se o barulho de cadeiras e mesas que se afastavam. Eram os outros fregueses, que procuravam escapar da trajetória das futuras balas.

- Se estão querendo uma exibição... Devo enfrentar os dois ?

- Não. Eu sozinho consigo abatê-lo. E é o que farei!

- Bem, então saque - exclamou Alex, indiferente.

Os dois se olhavam, numa posição de combate. Ambos tinham suas mãos na direção dos coldres. Rob sacou, furioso.

Na verdade, sua rapidez era invejável. Mas, comparada a de Alex, parecia lento demais. Mal fizera o movimento, e o



oponente já lhe havia arrancado o revólver da mão, com um tiro certo. Os que assistiam à cena, ficaram de respiração suspensa, boquiabertos.

Novo tiro se ouviu. Alex conseguira desarmar também a Leo, que já estava pronto para disparar. As pessoas tornaram a respirar, aliviadas.

Rob e Leo ali ficaram, com expressão de total espanto e incredulidade. Olhavam para suas mãos, que não tinham o mínimo vestígio de pólvora. Nem um arranhão.

Alex guardou seu revólver e foi novamente beber.

Os comentários choviam. Todos eram unânimes em afirmar que o gesto do forasteiro fora o mais nobre possível. Quanto aos vaqueiros, dirigiram-se a Alex.

- Escute, amigo - começou Rob. - Está zangado conosco?

Alex assentiu com a cabeça.

- É que, na verdade, nós não pensávamos em matá-lo. Tínhamos inteira confiança em nossa perícia com as armas. Boa lição você nos deu! - exclamou Leo.

- Pois bem, aproveitem-na. Mas agora, deixem-me em paz - resmungou Alex.

- Mas não queremos que tenha má impressão sobre nós - replicou Rob.

- Sim. Puxa vida! Pelo menos, deixe-nos pagar pela garrafa. Aceita? - disse o outro, preocupado.

Alex pareceu meditar. Por fim, sorriu. Nem assim, Joss se acalmou. Notara que o riso do forasteiro era sem alegria, e que no fundo de seu olhar, havia uma expressão inquietante.

- Está certo, rapazes. Aceito, desde que me acompanhem, bebendo - concordou afinal.

E levantou a garrafa, para ver se sobrava ainda bebida suficiente para os três.

Ouviu-se um disparo e a garrafa se quebrou. Alex não baixou o braço, sustentando o que restava dela.

Joss ficou atônito, ao ver que nenhum músculo se movera na face do forasteiro. Não fizera um só movimento, nem mesmo quando o sangue jorrara.

Finalmente, Alex se virou e olhou para a porta do saloon. Viu que as pessoas estavam espavoridas e procuravam

esconder-se. Gritos de pavor e tiros de revólver agitavam o ambiente.

E na porta, dois homens empunhando revólveres, os quais ainda pareciam fumegar, comprovando os recentes disparos.

Estavam vestidos de vaqueiros e tinham a roupa coberta de pó. Sorriam de maneira insinuante e provocadora.

- Idiotas! - exclamou um deles, caminhando alguns passos. - Já não lhes avisei para não virem aqui? Não gostamos de suas caras!

Dirigia-se a Leo e a Reb, que no momento estavam desarmados e ficaram confusos. Pareciam também furiosos.

Afinal, o silêncio opressivo se rompeu, quando Alex deixou cair o gargalo da garrafa no chão.

- Quem atirou? - perguntou com voz fria e pausada.

Largara os cacos e agora olhava por cima do ombro. Mas seu olhar em terrivelmente frio e inquietante.

-Fui eu - respondeu o tal que avançara para o meio do salão e que empunhava o revólver, decidido.

- Porquê?

- Veremos ainda porque - disse Alex com calma. Olhou então para Leo e Rob. - Rapazes, já achei quem nos pague a garrafa de uísque.

Aquele seu sorriso teve o poder de estremecer o pobre Joss, que cada vez mais se convenciu da periculosidade de Alex. Lá fora, os gritos de angústia continuavam, e os disparos se distanciavam aos poucos.

O sujeito que ficara na porta, fez um movimento traiçoeiro, provavelmente para pegar Alex pelas costas.

Mas não teve êxito. Alex, com um gesto ultra-rápido, virou-se e o apontou com seu revólver.

- Não tente repetir a façanha - foi a única coisa que disse.

O homem ficou branco de susto. Ainda estava de revólver em punho. Abriu a boca para falar, mas foi cortado pelo disparo de Alex. Como antes, não atirou para matar. Apenas desarmou o bandido.

Mas o outro, pensando que Alex se distraíra, quis aproveitar e sacou de sua arma. Teve azar. Desta vez, Alex não

acertou apenas na coronha do revólver. Acertou, era sua mão.

O bandido gritou de dor e de medo. Segurava com a mão esquerda aquela que fora ferida. Finalmente, caiu ao chão, gemendo e pedindo ajuda.

Alex não lhe deu Importância.

- Pague você - disse ao que ficara à porta. o sujeito apressou-se em obedecer. - Agora, ajude seu companheiro e sumam-se daqui os dois.

E foi o que fizeram.

E Alex, com a maior calma deste mundo, ignorando o rebuliço que causara, convidou os novos amigos a beber. Mas Rob perdera qualquer vontade de fazê-lo.

- É melhor sairmos daqui - propôs, nervoso. - Daqui a pouco os colegas daqueles dois patifes virão para cá.

- Vão querer ajustar contas - completou Leo, nervoso também.

Assim, Alex Carter não teve remédio senão segui-los. Ao mesmo tempo, ia recarregando seu revólver.

## CAPÍTULO II

ALEX ficou esperando lá fora por Leo e Reb, que haviam parado à soleira da porta e olhavam de um lado para o outro, vendo se o caminho estava livre.

Havia três homens caídos. Um, estava morto, com toda certeza. Os outros dois, pareciam feridos, apenas.

Em frente ao saloon onde Alex estava, na outra calçada, estavam dois homens, carregando os revólveres. Um pouco mais adiante, mais dois outros, com as armas ainda fumegantes. Alex esticou os olhos e viu, no fim da empoeirada avenida, os dois sujeitos que haviam penetrado no bar e que agora tinham um outro companheiro. Afastavam-se do local.

Imediatamente os sujeitos começaram a fazer disparos às tochas. Pareciam uns loucos, atirando a esmo, tendo um brilho no olhar, toda vez que um vidro se quebrava e que alguém gritava de medo.

Nisto, apareceu um casal. O homem, apesar de seu andar elástico e decidido,

aparentava sessenta anos. Tinha uma estrela de metal no peito. A jovem, não devia ter mais de vinte anos, era de uma beleza estonteante. Ao ponto de fazer Alex soltar uma exclamação de admiração.

O velho, ao chegar no meio da rua, sacou do revólver.

- Vá embora, Grace. Já pedi que me deixasse só nessa tarefa - ordenou à moça.

- Pois eu não o deixarei sozinho. Ou vai comigo, ou ficarei aqui - exclamou resoluta.

Ouviram as risadas insolentes e cínicas dos homens que estavam à sua volta. Sentiam-se seguros e donos da situação.

O que estava mais perto do velho xerife, levantou o cano do revólver e atirou. O grande chapéu do ancião voou para longe. Os demais bandidos caíram na gargalha. A moça puxou o velho pelo braço.

- Vamos, papai! Este povoado não merece que...

Mas foi interrompida pelo pai, que caminhara para o homem que atirara.

- Você é um covarde, Lou! - exclamou frenético. - Você e seus asseclas. Ainda hão de me pagar!

Desta vez, as risadas foram mais insolentes do que nunca.

- E quem o ajudará, velhinho? - disse o mesmo que atirara no chapéu do xerife. - Onde estão os valentes desta aldeiazinha?

O xerife, não se contendo mais, sacou do revólver e caminhou decidido para o bandido. Mas, não teve chance de vingar-se. Mal havia levantado o braço, quando uma bala o acertou no meio do peito, prostrando-o, sem vida.

Alex havia acompanhado tudo, chegara mesmo a pegar em sua arma, mas nem por um instante acreditou que o pistoleiro fosse atirar para matar o ancião. Estava atônito e enojado. Mas, esperou .

Grace precipitou-se sobre o cadáver do pai.

- Papaizinho, papai!

Foi um momento dramático, quando a jovem lançou aquele grito de desespero e dor. Mas os bandidos comemoravam sua «façanha», atirando a torto e à direita. A jovem procurava a custo conter os soluços que a sufocavam. Tremia dos pés à cabeça.

Levantou-se. Seu rosto estava pálido e seu aspecto geral era impressionante.



- Não há um homem neste povoado? - sua voz era trêmula de ira e de desprezo. - Será mais um crime sem punição?

Os assassinos começaram a rir. Súbito, fez-se silêncio constrangedor. Só então, eles perceberam a figura de Alex Carter, que acabara de se sentar na beirada da calçada.

- Ei... você aí! - gritou um dos bandoleiros. - É o tal sujeito que enfrentou dois de nossos homens?

Ele não respondeu. Tinha os olhos fitos na jovem. Esta, numa atitude altiva e desafiante, olhava para os bandidos. Estes, não acreditaram muito na coragem de Alex, por isso, deixaram-no um tanto de lado, para concentrarem-se em Grace.

- Que pena, não é, garota? - disse o assassino, com cara de pena. - Como vê, não há um homem capaz de ajudá-la.

- Pois o farei eu mesma! - exclamou, abaixando-se e apanhando o revólver de seu pai.

- Não precisa, jovem. Eu estou aqui para defendê-la.

A voz era de Alex. Lou o olhou, estupefacto.

- Que pretende fazer? - perguntou o pistoleiro .

- Simplesmente não deixarei a moça indefesa no meio de um bando de abutres assassinos.

E Alex caminhou em direção à Grace, em passos lentos. Lou disparou. O projétil foi dar justamente a poucos centímetros dos pés de Alex. Mas o rapaz nem ligou importância. Chegou a dar as costas ao bandido.

- Ei, você, pare ou eu o mato!

Mas Alex já alcançara o local onde a moça estava. Chegou até ela e fez menção de tirar-lhe o revólver. Mas Grace deu um passo atrás.

- Afaste-se de mim! - gritou. - Você também é do bando!

Mas Alex, sem ouvir o que ela dizia, fez um movimento rápido e conseguiu desarmá-la.

- Sumam-se os dois... - rosnou Lou, caminhando. - Do contrário, eu lhes encho a cara de chumbo.

- Pois, faça-o de uma vez! - bradou a jovem, com os nervos em frangulhos. - Que diferença faz para vocês mais um crime?

- Cale a boca, do contrário eu arrebento seu rostinho com um tiro! - Lou estava mais próximo agora.

- Fique aonde está, camarada - disse Alex, fitando-o.

O que fez o Indivíduo se deter, foi o acento com que foram ditas as palavras. E também o olhar frio e cortante que as acompanharam.

- Quem está pensando que é, para dar-me ordens?

- Já disse para não dar mais nenhum passo. Foi quando Lou sentiu-se nervoso. Havia se afastado um pouco de seus capangas e se sentia inseguro. Virou-se então para eles, exclamando:

- Ouviram, rapazes? - gritou. - Pelo visto, nem só de covardes o povoado é habitado.

- Ora, Lou, que espera para cortar a prosa deste boboca? - retrucou um dos sujeitos que se entocaram. - Vamos, mata-o!

- Espere, Tracy... Vamos nos divertir um pouco, antes de mais nada.

Grace olhou para Alex, com expressão de medo. Mas. o que viu no olhar dele, fe-la

estremecer. Algo indefinido, mas que lembrava a morte. Foi se afastando para a calçada, sempre olhando-o. Teve a íntima certeza de que aquele rapaz que a defendia, era perigoso. Não sairia perdendo daquele combate desigual.

- Mate-os! - gritou, histérica. - Mate-os e eu o recompensarei!

Ele deu uma risada amarga. Uni riso mau e agourento.

- Não se preocupe, moça. Eles não têm salvação mais! - afirmou sereno.

- Eu o pagarei, se os matar!

Lou estava agitado, malgrado sua pose de petulância. Estremeceu.

- Cuidado com ele, Lou - gritou um dos capangas, aproximando-se de Lou.

- Acontece que ele tem a arma no coldre, e nós na mão. Atirem!

Todos os outros procuraram abrigo, só ficando Lou frente a Alex, mas caído no chão. Tracy fora o primeiro a morrer, quando levou a mão ao gatilho. E Lou o seguinte, quando tentou fazer o mesmo. Ambos com um tiro na garganta.

Os outros dois ainda atiraram, mas o fizeram tão às cegas, que seus projéteis foram perder-se ao fim da avenida.

Quanto a Alex, havia se atirado ao solo, o mais longe possível de Grace. Esta, emitira um grito e caíra na calçada. Ficara lá, sentada, apalermada ante a cruel e sangrenta cena que se desenrolava .

Um dos bandidos sobreviventes, quando percebeu que estava sob a mira do revólver de Alex, começou a berrar, como se tivesse perdido o juízo. Correu para a calçada, atirando feito louco. Mas, seu corpo se deteve, cambaleante. Levou a mão à garganta, com expressão de terror. Levou um tiro naquele exato lugar e caiu morto.

O outro, não querendo ter o mesmo destino, virou-se no momento exato em que Alex atirou. Levou a bala bem na nuca. Tombou sem vida, também.

Num instante apareceu gente, formando uma pequena multidão. Os primeiros eram Leo e Rob, com o taberneiro Joss.

- Você foi extraordinário, rapaz! - exclamou Joss com admiração. - Mas agora, deve sair da cidade o quanto antes. Bud Latimer

não é dos que perdoam ou desistem de pegar quem o combate!

Mas Alex não lhe deu ouvidos. Foi em direção de Grace, que continuava no mesmo lugar.

- Você é um ás do gatilho - falou Rob aproximando-se. - Mas o mais acertado é seguir o conselho de Joss. Latimer não perdoa.

- Bud é o chefe desses sujeitos - explicou Leo. - E Lou era seu homem de confiança. E' melhor fugir, companheiro.

- Será que não há um médico por aqui? - perguntou Alex, ignorando os conselhos recebidos. - Esta jovem precisa de um.

- Pois se ela é justamente o médico do lugar - comentou um velhote.

- E onde fica sua casa? - quis saber Alex. Neste momento, Grace se levantou.

- Obrigado, mas não necessito mais de cuidados - falou num tom apático. - Queria é que alguém fosse chamar o agente funerário.

Causava impressão vê-la tão serena, após um choque tão violento. Nem parecia a mesma que se lançara gritando para o corpo do pai. No momento, estava quase

indiferente. Seus olhos verdes estavam fuzilando e, em seus lábios carnudos havia um quê de determinação.

Dois homens se ofereceram para carregar o corpo inerte do que fora o xerife de Scott City. Grace os acompanhou até o necrotério. Lá, ficou um bocado de tempo, contemplando o corpo de seu pai. Seus olhos estavam secos, mas terrivelmente fixos no cadáver.

Só disse três palavras:

- Eu o vingarei, papai.

- Senhorita Arden - era a voz do agente funerário -, é melhor descansar um pouco. A que horas deseja que se faça o sepultamento ?

Só então ela pareceu notar as outras pessoas. Olhou, seriamente, para Leo e Rob mais adiante, Alex e Joss e o agente funerário. Passou a mão nos olhos, depois disse a Alex:

- Venha comigo - apenas isso.

E afastou-se, com passos firmes. Alex a seguiu pela rua, indo até uma casa de boa aparência, tendo um bonito jardim na frente.

Uma criada veio recebê-los, chorando descontroladamente.

- Minha menina, que tragédia! - lamentou-se. - Um homem tão bom, tão honesto, morrer desta maneira!

- Pare com isso, Mildred - atalhou-a Grace. - E leve este senhor à sala.

Mildred, fazendo o sinal da cruz, foi fazer o que era mandado, resmungando palavras incoerentes .

Alex chegou à saleta, decorada com fino gosto e sobriedade. Sentou-se numa poltrona e ficou contemplando o ambiente. Havia ali vários livros de Medicina e variados obras literárias dos mais diversos autores. Alex pôde comprovar o gosto e a cultura dos moradores daquela casa.

Pouco depois, entrou Grace Arden.

- Quanto lhe devo ? - perguntou secamente. Alex fingiu pensar. Depois sorriu.

- Digamos, meio milhão de dólares.

- Não é hora para brincadeiras - falou ríspida. - Diga logo quanto deseja. Quero me livrar deste assunto o quanto antes.

- Não me lembro da quantia que tenha oferecido para quem liquidasse os



assassinos de seu pai - disse ele, sério e fitando-a. - Nem me lembro de ter cobrado o «serviço».

- Creio que qualquer pistoleiro ficaria feliz recebendo uns duzentos dólares.

- Qualquer um, pode ser. Mas eu, não - falou mordaz. - Sou perito em liquidar as pessoas.

A jovem ficou furiosa. Seus olhos fuzilavam. Ela se aproximou de Alex, com os lábios trêmulos de indignação. Quanto a ele, pôde apreciá-la mais de perto. Comprovou que sua beleza era realmente de tirar o fôlego. De perto, era ainda mais bonita .

Pôde concluir que ela era perfeita. A criatura com quem sempre sonhara. Cabelos longos e sedosos, de um tom quase ruivo, maravilhoso. Seus olhos verdes, sombreados por espessas pestanas e sobancelhas. lábios cheios e pequeninos. Dentes alvos e regulares. Quanto ao corpo, simplesmente divina!. Percebia-se suas belas formas, mesmo debaixo de um blusão de vaqueiro e de umas calças de pano grosso e escuro.

- Bastam quinhentos? - tinha a voz cheia de ira contida a custo. - Vamos, decida-se.

Alex fez um muxoxo de desdém.

- Acompanhei-a apenas para fazer-lhe companhia - foi dizendo. - E também para aconselhá-la a desistir de querer vingar seu pai pelas próprias mãos.

- Pois eu lhe digo só uma coisa - falou resoluto : - Não se meta aonde não é chamado. Diga logo quanto quer e saia daqui!

- Escute-me, isto não é assunto para moças... Eu... não cobro para matar.

Ela riu, cheia de desprezo.

- Quer bancar agora o bonzinho? Eu vi como maneja o revólver... Será que o faz por amor «à arte»? - zombou.

- Quem sabe? - disse Alex, indo para a porta. - Talvez me agrade matar.

- Posso ao menos ter certeza que amanhã ou . depois, não virá me cobrar de alguma maneira? - falou sarcástica. - Não irá se aproveitar do «desprendimento» de hoje? Alex deu de ombros.

- Sabe-se lá o que uma pessoa fará no futuro. . .

Acompanhado pela criada, ele foi até o portão. De lá, encaminhou-se para o saloon de Joss.

Encontrou Rob e Leo, ainda comentando sua luta com os assassinos.

- Quero falar com vocês - disse-lhes quando já estavam na rua. - Quem é o tal de Latimer ?

- Escute-nos, rapaz . Dê o fora da cidade - falaram ao mesmo tempo.

- Respondam à minha pergunta. - Pararam e o fitaram.

- Bud Latimer é o capataz do Rancho do Demônio... - começou Leo. - Bem, na verdade, o nome original do rancho era Duas Aspas, isto no tempo em que Harry Ducan ainda vivia.

- E quem é o novo dono?

- São os filhos de Harry, Harry e Kay Dun-  
can.

- E porque o nome da fazenda mudou ?

- Porque Latimer é o maior canalha que já apareceu por aqui. Seus empregados não passam de consumados cafajestes.

- O que queriam dizer aqueles sujeitos que entraram no saloon?

- Acontece que Latimer e seus capangas não suportam o pessoal com quem eu trabalho. É que nós somos dos poucos que não lhes temos medo.

- Mas a situação é calamitosa! - protestou Leo. - Quase todos os dias, um de nós é ferido ou morto.

- O único homem que não se deixa roubar impunemente e que poderia dar um jeito no Latimer, é nosso patrão, o Senhor Marshall.

- Eles também roubam? O que dizem os Duncan?

- Ora, se são os piores! Roubam escandalosamente.

- Olhe, se você quiser empregar-se, vá ao rancho do Senhor Marshall. Com você ao nosso lado, poderíamos dar cabo dessa maldita quadrilha.

- Porque acham que ele mataram o xerife?

- Pobre Senhor Arden! ELe foi morto porque nunca fez o que eles queriam, nem aceitava suborno. E quem poderá acusá-lo?

- Eu!

- Magnífico! Agora poderemos combatê-los! - exclamou Leo, entusiasmado. - Virá conosco ao Rancho Marshall?

- Não. Irei pedir trabalho no Rancho do Demônio.

- Você está maluco? Seria entregar-se às feras !

- Talvez; mas é nossa esperança de desbaratá-los de vez.

- Mas eles só aceitam assassinos, pistoleiros que matam por dinheiro.

- Pois eu lhes garanto que serei aceito. - Não compreendo seu plano....

- Não consinto que outros mais perigosos que eu, estejam no mesmo local onde eu esteja.

Foi tal sua expressão de sede de justiça, que os dois ficaram atemorizados.

- Cheguei a ter simpatia por você - disse Rob, pesaroso.

- E eu pensei que íamos ser amigos... ! - retrucou Leo, decepcionado.

- Não se preocupem, pois também sairão ganhando ... Agora, desapareçam.

### CAPITULO III

- Que está procurando, amigo?

O sujeito que fizera a pergunta, com um sorriso de mofa nos lábios, estava encarapitado numa árvore, perto da casa grande do Rancho do Demônio e apoiava o dedo no gatilho de uma espingarda .

- Procure Bud Latimer — disse Alex, soltando as rédeas sobre o pescoço do cavalo. - E também desejo falar com seu capataz.

- Está procurando trabalho? - o homem riu. - Pois olhe, é melhor ir voltando, companheiro .- o rancho é bastante grande, deve precisar sempre de vaqueiros.

- Já disse para ir-se embora.

- E eu repito que desejo ver seu capataz. Se não fosse apenas obrigação sua, seria pelo menos por hospitalidade.

- Está bem, mas gostaria de saber que ajuda você daria aqui.

- Sei laçar gado, mareá-lo, conduzir reses roubadas...

- Seria capaz de matar um homem, em determinado momento?

- Posso matá-lo agora mesmo, se não me deixa passar.

O outro teve um sobressalto. Olhou para Alex, com furia assassina.

- E devo lhe avisar - continuou Alex, imperturbável —, que esse rifle pode disparar e eu teria que matá-lo.

- Seu grande cretino! - bradou o outro. - Vou dar-lhe o que merece...

Levantou o rifle e o apontou para a cabeça de Alex. Mas o rapaz fora mais rápido e puxou de seu revólver, apertando o gatilho.

O rifle do camarada pulou no ar, como se tivesse molas possantes. O sujeito olhava para a mão, apatetado. Não encontrou o mínimo vestígio de sangue. Tinha os olhos esbugalhados pelo espanto .

- Pode passar, amaldiçoado! - berrou para Alex, depois que o medo passara e viera a raiva.

- Cuidado com o que diz - falou Alex, caminhando.

Mal dera alguns passos, quando deparou com quatro sujeitos a cavalo. Vieram atraídos pelos tiros e estavam de revólver engatilhado.

- O que houve, Pat? - perguntou um deles, enquanto os outros cercavam Alex.

O tal que falou com Pat, era um homem alto e de físico atlético. Emanava força por todos os poros. Alex correu os olhos e concluiu em seu íntimo que aquele era um adversário digno de nota.

- Este sujeito quer falar com você, Latimer.

- Sou eu mesmo, Latimer. Mas antes de mais nada, diga a esses meninos para manterem distância e não chegarem as mãos perto das armas.

- Isto é uma ameaça? - Latimer teve um lampejo de suspeita.

- Apenas uma advertência - falou Alex.

- Mas, se quiser saber, pergunte a Pat se sei atirar .

Antes que Latimer fizesse a pergunta, Pat confirmou.

- Nunca vi ninguém atirar igual.

- Pois bem, fale, forasteiro.

- Há poucos instantes matei quatro de seus homens, entre eles, um tal de Lou.

O silêncio que se seguiu a essas palavras, foi sepulcral. Latimer tinha os



olhos contraídos, de quem procura entender algo muito difícil.

- O que disse... ? - perguntou quando se recuperou da surpresa.

- Já me ouviu, Latimer - retrucou o rapaz.

- Afinal, que bando de bocós é esse que lhe serve?

Bud Latimer começou a rir.

- É o tal que desarmou Quinn, ferindo-o - avançou um outro homem, colocando seu cavalo retote ao de Alex. - Também a mim tirou-me o revólver, mas sem ferimentos.

Latimer ainda ria. Mal olhara para o que falara.

- Bela apresentação! - exclamou de bom-humor. - Não sei porque não eliminou logo esses dois no saloon.

- Ora, não me traria nenhuma vantagem, Latimer. Para que fazê-lo? De qualquer jeito, não ganharia nada em troca...

Latimer tornou a rir.

- Muito bem. E o que deseja de mim, forasteiro?

- Quero o posto do pobre Lou, por enquanto.

- Bem, ficará, se passar nas provas. Entretanto, terei que falar com os donos do rancho, que são os que acabam decidindo.

- Você me decepçiona, Latimer - falou Alex, com pena. - Fazia outra idéia de seu poder, como capataz do rancho.

- Aqui o caso é diferente

- Bem, e quais são as tais provas ?

- Chame Cross ordenou a um dos homens. - Siga-me, você.

Foram em direção à casa principal. Passaram por um estábulo onde ferravam cavalos. Um vaqueiro veio ao seu encontro.

- Chamou-me, Latimer?

- Sim, Cross. Quero que teste este rapaz. Se conseguir ficar de pé durante um assalto, ficará conosco. Cross desceu do cavalo. Era um sujeito imenso, de queixo quase quadrado e braços possantes.

- Onde vai querer ser enterrado, rapaz? - perguntou a Alex.

O rapaz desmontou, calmamente. Assim que ficou frente ao gigante, desafiou o cinto e o atirou longe. Cross o imitou.

- Perdeu a voz? - zombou Cross.

E, sem mais aquela, atirou-se contra Alex, com o punho em direção ao seu queixo.

Mas, Alex já o pressentia e saltou para um lado, rápido. Foi o bastante para evitar o golpe e deixar o grandalhão desnorteado. Alex não perdeu tempo, deu-lhe um violento pontapé no queixo. Mas o sujeito só pestanejou um pouco. Sorriu.

- Até que o «franguinso» sabe se mexer! - exclamou.

Tornou a atacar, mas desta vez, mais cauteloso.

- Mostre a ele quem é você, Cross! - gritou um dos espectadores.

- Amasse-o, Cross! - berrou outro.

Cross lançou o punho com uma força diabólica. Mas Alex foi mais rápido e, virando a cabeça, conseguiu que o murro passasse por cima de seu ombro, Alex não perdeu tempo. Aproveitou o espanto do adversário e jogou um direto possante em seu fígado, sem perda de tempo, arremessou o outro punho no queixo do bruto.

Alex já percebera que o camarada não conhecia o mínimo detalhe técnico de luta

de box, por isso, não se apavorou com o tamanho do cara. Desfechou um soco bem calculado, exatamente no ponto mais delicado do fígado. E, para rematar, um murro na cara. Cross cambaleou.

Logo se refez, porém. Era desmesuradamente forte e sorria, ante o ataque cerrado do rapaz.

- Continue, menino - animou-o. - Parece que dá para o «troço».

E atirou-se contra o esquivo inimigo, girando as manoplas com rapidez e violência. Teve a satisfação de alcançá-lo e fazer um ferimento profundo na carne de Alex.

Mas foi a única vantagem. Alex reagiu à altura. Juntou as mãos como se fossem uma clava e aplicou um golpe terrível no pescoço do oponente .

No gesto, depositou toda sua força. E teve o efeito desejado. Cross abriu a boca, tentando engolir ar. Seus pulmões doíam terrivelmente. Acabou caindo, gemendo.

- Como é, Cross, vai deixá-lo zombar de você? - atíçou-o um vaqueiro.

- Não é tão forte assim, Cross - criticou outro. - Mostre-lhe que você é invencível.

- Vocês verão quem sou eu! - Cross se levantara e olhava para Alex, com os olhos fuzilando. - Venha cá, frangote!

E se lançou com fúria contra Alex. Este, não se alterou. Já conhecia o modo de lutar de Cross e não o temia. Sabia que poderia vencê-lo, desde que não o deixasse atingi-lo com suas poderosas garras.

Respirou fundo e descarregou-lhe uma esquerda no meio dos olhos, seguida de uma direita na mandíbula. Cross cambaleou, estonteado. Alex se aproveitou e deu-lhe um cruzado capaz de derrubar dez homens.

Cross caiu, com a cabeça entre as mãos.

Alex enxugou o sangue que escorria de seu ferimento. Olhou para Latmer, o qual estava feliz, como se a derrota de Cross fosse obra sua.

- Qual é a outra prova ? - perguntou Alex.

- Venha comigo - disse Latimer. - E vocês, vão trabalhar. ,

Cada um foi para um lado.

Eles se dirigiram à casa principal, cuja fachada era imponente. Era mais ou menos no estilo colonial.

Um casal veio recebê-los. O homem, muito alto e delgado, vestia um traje de vaqueiro, luxuosíssimo. A jovem, de uma beleza agressiva, tinha um corpo diabolicamente perfeito e em seu todo, irradiava sensualidade. Alex examinou-a minuciosamente .

- O que há, Latimer? - indagou a moça, olhando para Alex, desabridamente.

- Pretende um emprego aqui no rancho... - Passou pelas provas?

- Desarmou Pat - disse Latimer, sorrindo. - E, em seguida, botou Cross sem sentidos, há poucos instantes.

- Qual é seu nome? - Latimer deu de ombros. -Isto eu ainda não lhe perguntei - replicou.

- Não ouviu? - era a primeira vez que o rapaz, dono do rancho, abria a boca. - Responda!

- Não sabia que me haviam feito uma pergunta - respondeu Alex, imperturbável. - A quem devo responder?

- Diga-lhes o seu nome - sugeriu Latimer.

— Alex Carter.

A jovem franziu o cenho.

- Já ouvi esse nome - falou. - Não é o tal que matou o pai, lá na Flórida? Li nos jornais.

Alex assentiu, com um estranho brilho no olhar. Algo indecifrável, mas que se pressentia extremamente perigoso.

- E o que faz aqui ?

- Digamos que me agrada manejar o revólver .

- Gostei de você - ela riu, caminhando para ele, de maneira provocante. - Beije-me, quer?

Mal teve tempo de terminar a frase. Alex avançou e a enlaçou, com firmeza. Colou seus lábios aos dela e a beijou selvagememente. Apertou-a tanto que ela não pôde se desvencilhar.

Foi o acompanhante dela quem os separou, puxando o braço de Alex com um repelão.

- Não precisa demorar tanto, idiota! - bradou. - É apenas uma prova!

- Uma prova ?

- Exatamente. Se você tivesse hesitando um segundo apenas, seria expulso daqui. Não aceitamos homens indecisos.

- Como viram, estou disposto a tudo.

- Até mesmo a matar, se assim fosse ordenado? - perguntou a jovem, já refeita do espanto.

- Responda!

- Quer que eu comece por este aqui? - e, ao mesmo tempo que apontava para o rapaz que a acompanhava, levou a mão ao coldre.

- É meu irmão! - ela ficou até assustada. O citado, dera um passo atrás, pálido.

- Mande-o embora! - gritou enraivecido — Não o aceitaremos, Kay...

- Espere, Harry - ela examinava a figura bronzeada de Alex. - Ele nos poderá ser útil e, olhando para Alex, falou: - Mataria o xerife de Scott City?

- Está morto.

- Como assim? - Latimer estranhou. - Não disse que matou Lou e os demais rapazes?

- Sim, mas eles já haviam feito o serviço. Matei-os justamente porque atacaram o velho.

- Nós o mandamos matar - explicou Latimer

- Por que nos atrapalhava. - Alex o fitou, friamente.

- Foi você quem o matou... - comentou.



- Sim, dei as ordens. Era um velho intrometido. Podia atrapalhar-nos.

- Não sei como um velho poderia atrapalhá-los - Alex riu, com evidente desprezo.

— Vê-se que não o conhecia — redarguiu Latimer.

- Era teimoso e até já havia decidido a mandar um informe não sei a quem, relatando o que se passa nessa região.

- E o que está acontecendo ? - Alex parecia curioso.

Bud Latimer sorriu.

- Ora! Roubos, assaltos à mão armada, «proteção paga». Tudo isto.

- Será que o velho Arden não chegou a mandar o informe? - Harry Duncan parecia preocupado.

- Nem pense nisso, patrão - Latimer parecia confiante. - Temos o controle dos telégrafos . E depois, controlamos tudo. Não há ninguém que entre ou saia da cidade, sem que saibamos logo.

Alex intrometeu-se.

- Eu entrei... — começou a dizer.

- Eu soube, mas nada fiz porque não me parecia suspeito.

- Então, posso ficar?

Latimer olhou para os Duncan, em muda interrogação.

- E' melhor que se vá! - exclamou Harry,

- Há muita gente.

- Espere — interveio a moça. - Precisamos de homens deste gabarito. Poderá ser-nos, muito útil.

- Claro, mas se me pagarem muito bem - afirmou Alex. - Não pensem que estou implorando a vocês. Aliás, tenho dinheiro meu. Só não quero é estar para lá e para cá. Gostaria de uma temporada por aqui.

- Claro, Alex! - exclamou Latimer.

## CAPÍTULO IV

- ALEX, hoje nós vamos nos divertir um bocado! - exclamou Bud alegremente. - Chegaram à cidade duas garotas espetaculares, e estão trabalhando no Espora de Ouro. Vamos conhecê-las.

Alex não ficou animado com os planos.

- Ouça meu conselho, rapaz - prosseguiu Bud -, trate de se divertir, pois, daqui a cinco dias, mais ou menos, haverá tanto o que fazer que não terá tempo nem para se coçar.

- Não acredito muito. Já estou aqui há uma semana e não houve nenhum assalto - replicou Alex.

- Rapaz... Pois olhe, estamos preparando algo de primeira.

- Não estou entendendo - disse Alex, como que por acaso.

- Escute, o juiz de Scott City, Lewis Marshall, possui um rancho enorme, com muito gado. Pois bem, daqui a uns cinco dias, irá levar umas duzentas reses a Las

Vegas... No caminho, nos apropriaremos delas.

- Ele não conta com a «proteção»?

- Justamente porque não a aceita, nós vamos dar-lhe uma lição de que não se esquecerá - falou Bud, maldoso.

Conversavam perto dos alojamentos. Anoitecia.

- Não será perigoso? Um juiz é autoridade e pode chamar os Rurais.

- Coitado, ele pode, mas não há de querer. Olhe, para seu governo, Marshall tem motivo bastante para nos temer. - Depois de sua pausa - Vem comigo?

- Vou. Também quero conhecer as tais beldades .

O rancho não ficava muito distante do povoado, por isso, uma hora depois, estavam entrando em Scott City. O grupo era formado de seis homens, incluindo Alex e Bud. iam a galope e só se detiveram frente ao saloon Espora de Ouro. Amarraram seus cavalos e entraram.

O local estava repleto de gente, mas não tiveram dificuldade em encontrar lugar nas mesas. Tal deferência se dava, com certeza, ao medo que sentiam pelos rapazes de Bud.

Bud e Alex estavam muito bem situados, em frente ao palco.

Abriu-se a cortina e apareceu um sujeito gordo e calvo, cheio de medidas. Vestia camisa branca impecável e colarinho apertado.

- Senhores - começou, com mil reverências -, esta casa sente-se honrada com a presença de tão distintos fregueses, por isso, não mediu sacrifícios a fim de proporcionar-lhes algo novo, algo que...

- Chega de discursos, gordão - gritou um vaqueiro, muito alto e magro. - Traga logo as garotas.

O pessoal começou a rir. Batiam com os pés no chão, para mostrar que estavam impacientes.

- Muito bem, trarei as meninas - acedeu o gorducho. E, para o vaqueiro que falara e que era vesgo: - Deixarei uma ali, no extremo do palco e outra em frente ao seu olho direito, para que possa servir-lhe de alguma coisa.

Pronto! Começou a balbúrdia. Uns gritavam, outros davam murros nas mesas. Um sujeito de maus bofes chegou a jogar uma garrafa em cima do apresentador. O

homem, com agilidade espantosa para seu volumoso corpo, retirou-se de cena.

O pianista dedilhou uns acordes. Todos se calaram. Nisto, surgiu a primeira dançarina. Os rapazes ficaram tão silenciosos, que se podia perceber perfeitamente sua respiração.

A jovem começou a cantar, com voz melodiosa, uma canção bonita. Era um tipo de mulher rara e que eles não esperavam num local daqueles. Quase não estava pintada, seu vestido era elegante e sóbrio, apesar de gracioso. Muito jovem e bonita, com uma voz tão límpida, espantavam-se de vê-la ali.

Logo que a viu, Alex fez tal expressão de assombro, que chamou a atenção de Bud.

- Gostou dela? - perguntou sorrindo. - Eu sabia que você gostaria.

Mas o público não estava acostumado com aquele tipo de cantora. Queriam é ver pernas de fora, e que a mulher pulasse do palco e fosse beber com eles. Mas aquela, mal se movia tinha o vestido comprido até os pés.

De repente, alguém gritou, vaiando. Foi o sinal para que a turma ensaiasse apupos, gritando como loucos.

E o que é pior, o mesmo sujeito que lançara uma garrafa antes, repetiu o gesto covarde. A moça mal teve tempo de escapular do alvo. Mas outra garrafa voou nos ares. E o pessoal parecia cada vez mais animado com a bagunça.

- Espere aí, Bud - disse Alex, levantando-se.

- Pois não. Sabia que a moça seria do seu agrado - disse Bud, compreensivo.

Alex foi até onde estavam os camarins. Encontrou o gordo.

- Onde está ela? - foi-lhe perguntando.

- Lili ? - o homem deu de ombros. - Está no quarto, mas não deve estar com vontade de ver ninguém.

- A mim, há de querer. Qual é o quarto?

- Aquela lá, à direita - mostrou uma porta mais adiante. Depois, voltou à cena.

Alex bateu na porta.

- Abra a porta, Dora - disse autoritário.

- Quem é você, para que eu o faça ?

- Você bem sabe, pois me viu lá fora. Vamos, abra! - gritou duramente.

- Vá embora. Eu não o conheço!

Algo estranho soava na voz da moça. Um pouco de medo, de vontade de abrir a porta, talvez. Possivelmente, até mesmo ódio.

- Pois, se não abrir, eu arrombarei a porta - disse, ameaçador.

- Tente - respondeu a moça. - Desde já aviso-lhe que estou armada e saberei fazer uso disto.

Alex deu uns passos atrás e, tomando fôlego, atirou-se contra a porta, derrubando-a.

Mal ele caíra no aposento, um tiro passou raspando perto de sua cabeça. Quando ele levantou os olhos, viu que ela já levava o dedo ao gatilho, novamente. Rolou sobre si mesmo e, num movimento rápido e inesperado, tirou a arma da mão de Dora.

- Está louca, Dora? O que faz aqui?

- Logo você, perguntar-me isso! - riu amargamente.

Alex estava impressionado com a mudança de Dora, aquela jovem que deixara para trás, há dois anos. Antes, era meiga e gentil. Agora, tudo nela mudara. Era uma outra mulher.



Estava muito mais bonita, mas perdera aquele tom de voz quase maternal. Sua voz era ardente, apaixonada, agressiva. Seus olhos, que antes eram inocentes, agora brilhavam diferente. Era uma mulher que vivera e sofrerá intensamente em pouco tempo.

- Pergunto-lhe porque sou seu amigo. . .

Dora tornou a rir. Aquele riso fez mal a Alex, pois sentia nele um mundo de acusações.

- Foi o que eu pensei, também. Mas você não é amigo de ninguém, porque é um egoísta, um desumano, que, na ânsia de ver sangue, matou o próprio pai, com um tiro no coração.

Alex baixou a cabeça, humilhado. Fazia um esforço enorme para conter-se. Seus lábios estavam lívidos.

- Você está certa, Dora. Não vou discutir o assunto - falou, com uma satisfação mórbida.

- Mesmo assim, penso que. . .

- Não prossiga, Alex - ela o olhava cheia de paixão. - Vou dizer-lhe o que faço aqui. Tenho-lhe seguido os passos, tropeçando aqui e ali, mas sempre no firme propósito

de fazê-lo sofrer. De repetir mil vezes que você é o assassino de seu pai.. .

Fez uma pausa. A vontade de abraçá-lo era enorme.

- Não posso entendê-la - exclamou Alex.

- Nem poderia, pois só pensa numa pessoa: Alex Carter - continuou em tom seco e enérgico.

- Se não fosse assim, não me teria deixado naquela estação solitária, triste em vê-lo partir para sempre.

- Nós não estávamos comprometidos...

- Realmente - concordou ela. - Nunca meconfessou amor, nunca me beijou. Trocávamos frases ditadas pela amizade. Mas você não quis ler em meus olhos o grande amor que lhe devotava. Que lhe importava? Mas não posso esquecer-me das palavras que pronunciou na estação, lembra-se?

- Lembro-me perfeitamente. Disse-lhe que não ficaria lá para não fazê-la infeliz. Que ninguém poderia ser feliz ao meu lado... Não foi isso ?

- Sim, foi isso. Mas não pensou que me faria muito mais desgraçada, fugindo de mim, abandonando-me.

- E Roger? - Alex quis mudar de conversa. - Tem tido notícias dele?

- A princípio, trocávamos algumas cartas. Mas, há seis meses que não recebo notícias dele.

- Muito bem, Dora - disse Alex. — Escreverei para ele e direi que vá apanhá-la em Las Vegas. Vou levá-la até lá.

- Está pensando em fazer isso, depois do que eu disse, de tê-lo seguido durante dois anos? - sua voz estava embargada. - Olhe, Alex, eu não tenho porque envergonhar-me. Conservo-me pura, sou a mesma que você deixou lá em Nova Orleans...

Ele fechou os olhos, sentindo algo de profundamente angustiante.

- Não me diz nada? - ela o fitava, ansiosa.

- Dora...

- Chega... Pressinto que você tem pena de mim. . . Pois o farei odiar-me. Saia!

Terminara aquelas palavras num sussurro quase inaudível. Alex caminhou para a saída, sentindo um peso tremendo nos pés.

Saíra daquele aposento mais triste e abatido do que nunca. Parecia um homem que nada mais podia esperar da vida. Seus olhos tinham um quê de melancólico e, ao mesmo tempo, de frieza. Caminhava como um autômato.

Caminhou durante mais de unia hora, sem destino certo. Parecia estar alucinado, os olhos perdidos num ponto infinito. De repente, sentiu que o puxavam pelo braço.

- Ei, onde diabo se meteu? - era Bud, e sua voz parecia vir de outro planeta. - Estou à sua procura há um tempão...

Olhou para o companheiro, como se o visse pela primeira vez.

- Vi a porta arrombada - dizia Bud, preocupado com a aparência do rapaz. - A moça não estava lá. Que aconteceu? Teve sucesso com ela?

Aquelas últimas palavras martelavam-lhe o cérebro. Sentiu uma dor de cabeça terrível. Soltoou um grito, como a querer tirar as frases de sua mente. Sacudiu a cabeça, negando.

- O que há, Alex? - Bud estava assombrado com as atitudes do outro. - Só lhe perguntei se tivera sucesso.. .

Novamente aquele grito terrível. Olhou para Bud, com a morte no olhar.

- Maldito seja! - gritou, tomado de ódio súbito. - O que está dizendo?

Alçou a direita com uma violência acima do normal e desfechou um tremendo soco em Bud Latimer. Este, caiu ao solo, com os lábios rachados e à beira da inconsciência.

Alex prosseguiu o seu caminho, com a cabeça baixa e um aspecto derrotado. Mal dera alguns passos, quando ouviu um clique de gatilho puxado.

Parou, contendo a respiração.

- Vou matá-lo, seu patife! - berrou Bud Latimer. - O que pensou.. . ?

E, cheio de ódio concentrado, levou o dedo ao gatilho, apontando para as costas de Alex Carter.

Foi exasperante a lentidão com que Alex se virou. Mas foi o bastante para que Bud ainda visse em seu olhar um brilho da morte. Sua expressão era diabólica e sofredora, ao mesmo tempo. Bud mal teve tempo de analisá-lo. Sentiu um baque e uma der lancinante na garganta.

Pensou que ria de Alex Carter, quando este caísse morto pelo gatilho de seu

revólver, mas de sua garganta só escapou um gemido. Abriu os olhos desmesuradamente, antes de cair morto.

Alex, seguindo apenas um impulso selvagem, deixou cair o revólver no coldre. Seu queixo tremia, de sua garganta saiu um riso horrível, lúgubre.

Lentamente, foi até o corpo de Bud Latimer e, abaixando-se, segurou-o e o colocou nos ombros. Depois, seguiu caminhando, com o estranho fardo nas costas.

Num impulso inconsciente, foi em direção à casa do antigo xerife de Scott City. A casa onde morava sua filha, Grace Arden, a médica. Lá chegando, deixou o corpo no jardim e foi bater com força na porta. Sua figura era impressionante. Tinha os olhos fixos num ponto qualquer e, de vez em quando, um riso amargo o sacudia todo.

A mesma criada de antes, conduziu-o até a salinha onde já estivera antes. As primeiras pessoas que avistou, foram Reb e Leo, que sorriram e foram ao seu encontro, assim que o viram.

Então, Rob se virou para o homem que estava sentado junto à Grace e falou:

- Senhor Marshall, é este o rapaz de quem lhe falei. O mesmo que ontem à noite mandou aquele recado para o senhor.

Lewis Marshall era um homem de seus trinta e cinco anos, alto e brm parecido. De sua figura emanava lealdade e honestidade. Tinha na mão a estrela que fora do pai de Grace.

Levantou-se, num cumprimento a Alex. Quanto a Grace, o rapaz percebeu, confusamente, que fugia de seu olhar.

- Imagino que deve ser muito importante o que me tem a dizer, Senhor Carter - disse Marshall. - Que deseja de mim?

- Essa chapa metálica - e Alex apontou para a estrela de xerife.

- Esta? - Marshall pareceu ficar espantado. Olhou para Alex. - O que quer dizer?

- O povoado precisa de um novo xerife.

- Claro - Marshall estava intrigado e tentava ler o que ia na mente de Alex. - Mas não é qualquer um que...

- Continue.

- Deve usá-la quem tiver boas intenções, que implante a lei. Não pode ser qualquer um, por conveniência. . .

- Você ditará a lei - falou Alex decidido.

- Eu a farei obedecer, usando a força do gatilho.

- O que o leva a isso ?

- Digamos que eu aprecie as armas. E o que interessa, é que Scott City precisa de um xerife que saiba usá-las - sorriu daquele modo estranho. - Creio que ninguém fará objeções.

- Sente-se, Senhor Alex - e também se sentou. - Tem razão, aqui se precisa de um xerife valente e hábil no gatilho. A cidade está repleta de bandidos desalmados, sem dúvida. Mas, não posso entregar o distintivo à primeira pessoa que me aparece. Seria capaz de jurar que defenderia a lei, a qualquer custo?

- Sim, Senhor Marshall - falou enérgico.

- Tenho matado, mas sempre em legítima defesa. Nunca matei uma pessoa que não fosse um cruel e covarde bandido.

- Sabe, Senhor Alex, estou disposto a entregar-lhe a estrela - retrucou ainda indeciso. - Mas preciso de dois dias para pensar e consultar alguns dos homens importantes da cidade. Depois, se não houver inconvenientes, eu a entregarei.



- Está bem, senhor - Alex olhou para todos. Fixou o olhar na jovem, que conservara a cabeça baixa. - Posso falar com o senhor a sós?

Nisto, seus olhos se encontraram com os da jovem.

- Perdoe-me, senhorita - falou delicadamente -, mas o assunto que tenho a tratar é pessoal... Dá-nos licença?

- Evidentemente - falou com indiferença. - Está no seu direito.

Alex se virou para o juiz. - Vamos ao jardim? É só por um momento. - Marshall ficou em dúvida, se devia ou não aceitar.

- Senhor Carter, todos aqui são de inteira confiança... - começou.

- Por favor... - insistiu Alex.

- Bem, vamos - acedeu Marshall. - Desculpe-nos um momento, Grace.

Logo que saíram, o juiz falou:

-ão sei porque não falamos lá dentro, na frente dos outros.

- Tenho a impressão que o senhor é muito caro à Senhorita Arden - explicou o rapaz. - E, se assim for, o que tenho a dizer-lhe, poderia assustá-la.

- Sendo assim, muito obrigado, Senhor Carter. Mas, do que se trata?

- O senhor está planejando levar gado até à ferrovia ?

- Sim. . .

- E, se não me engano, o senhor rejeitou as ofertas anônimas de «proteção», não é verdade?

- Exatamente, Senhor Carter. Mas não posso entender como soube de tudo isto, já que eu planejava tudo secretamente.

- O importante é que estão querendo assaltá-lo . Quer deixar o caso em minhas mãos?

Marshall pareceu meditar.

- Olhe aqui. Carter, voce tem procurado demonstrar que é um homem frio e cruel. Mas eu sei que não o é. Conheço bem a humanidade e posso distinguir um criminoso nato. Portanto, sei que posso confiar em você. Vou lhe dar o distintivo de xerife e tenho fé que não me arrependerei.

- Não se arrependerá, Marshall - falou confiante. - Escute, tem um isqueiro aí?

Marshall levou a mão aos bolso e tirou um de lá.

- Acenda-o e leia isto aqui.

Ao mesmo tempo, levou a mão ao bolso de sua camisa e tirou de lá um papel, que estendeu ao juiz. Este, começou a ler em voz baixa:

«Caro Alex:

Soube, pelo meu sobrinho Roger, do terrível drama em que você matou seu pai com um tiro no coração. Fiquei abalado com a notícia, pois estimava muito aos dois. Acho que posso fazer algo por você, fazendo com que perca esse sentimento de culpa que o devora. Incluo uma petição do juiz Marshall, de Scott City, Nevada, pedindo ajuda. Peço que faça o que puder no assunto. Dou-lhe plenos poderes.»

Marshall, impressionado com tudo aquilo, levantou a cabeça.

- A assinatura do próprio governador! - exclamou assombrado.-Afinal, quem é você, na realidade ?

Alex exigiu-lhe que promettesse não contar nada a ninguém.

- Prometo-lhe, Senhor Carter - declarou solene o juiz. - Tem algum plano?

- Primeiro, gostaria de saber algumas coisas. Por exemplo, o que aconteceu ao

agente que o senhor enviou com uma petição, há dois meses atrás ?

- Encontraram-no morto, fora da cidade - declarou o juiz, pesaroso.

- Muito bem - Alex guardou a carta de novo. - Esta carta me esperava em Las Vegas, onde eu disse, não sei a quem, que estaria. Agora, gostaria de saber em quem posso confiar e em quem não devo.

- Posso lhe assegurar que todos os meus vaqueiros são de inteira confiança... Ninguém mais - afirmou.

- Mais tarde falaremos nisto. Por ora, o importante é elaborar um plano que garanta o transporte de seu gado até a ferrovia.

Voltaram para dentro de casa.

- Como novo xerife de Scott City - foi dizendo Alex para Reb e Leo -, preciso de dois ajudantes ...

- Conte conosco, Senhor Carter - exclamaram os dois vaqueiros. - Pode confiar em nós.

E, para completar, viram-se para seu patrão, o Senhor Marshall.

- Isto é, se o Sr. Marshall consentir.

- Contem com o meu consentimento e aprovação - sorriu o juiz.

## CAPITULO V

No dias seguinte, Alex já se instalara na delegacia. Procurava examinar os papéis e deixar tudo em ordem. Quanto aos seus ajudantes, Rob e Leo, ostentavam os distintivos e pareciam muito felizes com o cargo.

- Uma cela apenas, e tão pequena! - exclamou Rob, reprovador. - E com tanto canalha para ser preso!

- E nenhum jornal noticiando um prêmio pela captura de um criminoso para que nós o apanhemos! - lamentou-se Leo.

- Vejo que estão decididos - disse Alex, sentado numa velha cadeira. - Pois terão muito o que fazer, rapazes.

- Ótimo, chefe.

Nisto, ouviram passos. Leo foi abrir a porta! Era Grace Arden.

- Preciso falar com você - disse, olhando para o novo xerife.

Alex percebeu que a jovem estava com vontade de discutir, pelo seu olhar desafiante e lábios contraídos.

- Entre e sente-se, senhorita - falou gentilmente .

Grace olhou para os dois ajudantes, significativamente .

- Saíam, rapazes - disse Alex, percebendo o olhar dela. - Mais tarde os chamarei.

Eles saíram. Grace continuava de pé.

- O que é que o senhor está pretendendo, Senhor Carter? - perguntou, acusadora.

- Não a entendo, senhorita. . .

- Pois serei clara. Conheço bem o seu tipo... Previno-o de que não se aproveite da nobreza de caráter e do excesso de confiança que Marshall deposita em você - exclamou, ferina.

- Fique tranquila quanto a isto, senhorita - falou condescendente, o que irritou sobremaneira a jovem.

- Não posso sossegar, depois que o vi matar tanta gente. Ontem mesmo, assassinou Latimer, deixando seu corpo na frente de minha casa. Porque o fez ?

- Se diz conhecer-me, deve saber a resposta a essa pergunta.

- Minha conclusão é que tem prazer em matar e quer agora uma posição mais favorável a isso, graças ao Senhor Marshall e aos outros habitantes honrados que confiam no senhor.

- Parece esquecer-se de uma coisa, senhorita - falou, magoado pelo tom empregado pela moça. - Quer saber? Pois bem, em primeiro lugar, não fica bem para uma jovem como a senhorita, vir aqui e fazer tais acusações injustas...

Ela quis protestar, indignada, mas ele a interrompeu .

- Ainda não acabei, senhorita - falou ele.  
- Ouvi-a pacientemente, pois agora, terá que me ouvir. Sei muito bem o quanto o Senhor Marshall confia em mim, por isso, não vejo porque dar-lhe ouvidos.

- O fato dele confiar no senhor, não quer dizer que seja digno desta confiança - falou, trêmula de indignação. - Não posso esquecer que o senhor é um pistoleiro profissional, um homem capaz de matar por dinheiro ou prazer e que, desde sua chegada, a morte ronda esta cidade.

- Parece esquecer, senhorita, que os mortos por mim eram criminosos, e entre



eles, os que mataram seu pai. Eu os matei a seu pedido, lembra-se?

Grace ficou muda, sem saber como defender-se da acusação.

- Ora, o senhor tê-lo-ia feito, de qualquer maneira - não queria dar o braço a torcer. - E depois, naqueles instantes, eu estava fora de mim, cega pelo desespero, sem saber o que dizia...

- Acha que só a senhorita sente essas coisas ?

- Não vá me dizer agora que é um homem bonzinho - ironizou. - Se quer saber, já haviam me prevenido contra a sua pessoa, contando-me sobre seus crimes...

- E não sente rojo em vir falar comigo?

- Procuro me conter. Sinto-me também confiante, porque tenho muitas pessoas que me querem bem e me defenderiam - caminhou para a porta. - Vou prevenir-lhe, Senhor Carter. Direi ao juiz quem é o senhor... Ah, e quando quiser... vá receber o prêmio que lhe devo pela morte dos assassinos de meu pai!

- Já lhe disse que não cobro dinheiro para matar.

Não foram propriamente as palavras dele que a amedrontavam. Era mais o seu olhar, que a percorria, desde os lábios carnudos, até seu corpo escultural. Mas não era um olhar vulgar, desejoso. Era algo muito acima. Parecia querer decifrá-la, contemplar sua beleza.

Sentou um estremecimento, ao se dar conta daquele olhar e da sensação que sentiu ante ele. Era algo totalmente novo para ela e não a desagradava. Furiosa contra si mesma, saiu dali depressa.

Alex sorriu, ao ficar sozinho. Ele também estranhava o seu interesse por aquela jovem tão esquiva e linda.

- Podemos entrar, Senhor Carter? - perguntou Leo, assomando a cabeça.

Alex assentiu e os mandou preparar os cavalos, pois iam sair.

- Agora?

- Sim, o mais depressa possível.

Quando chegaram ao local combinado, já encontraram o grupo de cavaleiros, chefiados por Lewis Marshall.

- A manada partiu hoje bem cedo - informou Marshall. - A estas horas, devem estar alcançando o desfiladeiro nas

montanhas. Chegarão à primeira parada ao anoitecer, segundo meus condutores .

- Pois bem, Senhor Marshall - disse o novo xerife - eu e os rapazes iremos vigiando o gado de longe; o senhor e os outros vão de perto, protegendo-o. Separem-se em grupos e vigiem os flancos.

- Qual é o seu plano? - quis saber Marshall.

- Quero que os ladrões pensem que vocês estão sós - respondeu Alex. - Manteremos contacto entre nós por meio de dois cavaleiros hábeis e que possam cavalgar à luz do dia, som chamar a atenção.

- Mas, teremos tais cavaleiros. . . ?

- Sim, Leo e Rob são bem capazes de fazerem isso, senhor.

- Não podemos confiar neles, Carter - negou o juiz. - Estão sempre discutindo, procurando confusão, são distraídos...

- Mas tenho total confiança em sua lealdade, eficiência e disciplina - afirmou Alex.

- Bem, seja como voce deseja - concordou Marshall. - Farei apenas aquilo que você disser.

Alex separou os que iam com ele, inclusive Rob. Deu instruções a Leo.

- Vá com o Senhor Marshall o me procure quando ele achar necessário. Procure passar despercebido.

- Sim, senhor.

Alex se separou, acompanhado de uns dez homens. Galoparam em sentido diagonal. Ao anoitecer, já haviam alcançado o ponto que queriam. Ficava perto do estreito desfiladeiro que o gado de Marshall teria que atravessar, para atingir o outro lado das montanhas.

Alex colocou três vigias, para evitarem surpresas desagradáveis. Os outros, eles os escondeu num bosque próximo, camuflando-os. Depois, partiu a galope.

Foi até um promontório, de onde podia descortinar a imensa planície que se estendia a seus olhos, e que já estava, sendo coberta pelas sombras da noite. Avistou uma grande mancha escura, o que queria dizer que o gado já se aproximava do local. Alex alongou a vista e percebeu outra mancha, movendo-se em direção à entrada do desfiladeiro. Deviam ser os dez cavaleiros. Não deviam ter muita pressa,

pois paravam de vez em quando, por causa dos inúmeros acidentes topográficos da montanha.

Alex sorriu. Aqueles dez homens eram mesmo pouca coisa para conter um ataque repentino. Mas eram, justamente por isso, uma boa armadilha para os assaltantes.

Alex galopou até o bosque onde se escondiam seus homens.

- Diga ao Senhor Marshall que detenha, o gado onde você o encontrar. E tenha cuidado, pois já há pessoas de tocaia. Não se deixe ver - ordenou a Rob, que já montava em seu cavalo.

Rob partiu feito um raio.

Alex o seguiu, tão logo se perdeu de vista. Foi para bem perto do local onde os assaltantes, que já pareciam dispostos a acampar ali por aquela noite, conversavam.

Não haviam feito fogueiras, provavelmente para passarem despercebidos. Isso ajudou muito a Alex, que pôde se aproximar e ouvir o que diziam.

Quem falava era Harry Duncan.

- Espero que Slim saiba fazer a coisa direito - era o que dizia.

- Não se preocupe, ele sabe fazer tudo com perfeição - foi a resposta ouvida.

- Temo porque desconfio desse novo xerife - dizia Harry, inquieto. - Parece-me perigoso.

- Porque será que não se uniu ao senhor?

- Não consigo entender - foi a resposta apreensiva. - Veio nos procurar, ficando no rancho, finalmente. Uma noite, saiu com Bud Latimer. No momento em que soubemos da morte de meu capataz, tivemos a surpresa de saber que o novo xerife de Scott City era justamente ele, Alex.

- Quem encontrou o corpo de Bud?

- Avisaram ao agente funerário e este veio participar-me.

- Não estou compreendendo nada, Senhor Duncan - disse um outro. - Suas instruções a Slim são um pouco estranhas.

- Deixe comigo - falou Duncan asperamente. - Sei o que faço.

- É difícil trabalhar assim, Senhor Duncan - falou num tom reprovador outro homem. - Será duro para Slim, ter o negócio feito e não poder atacá-lo logo...

- Já disse que não quero mais ouvir falar sobre o assunto!

Alex, satisfeito com o que ouvira, tratou de dar o fora. Galopou até onde estavam seus companheiros .

- Rapazes, a cavalo!

Reuniu os que estavam espalhados e ordenou um galope imediato.

- Vamos dar-lhes uma lição - respondia às perguntas feitas.

- Mas, Senhor Carter, isto é perigoso e arriscado. Não garante bons resultados - replicou um vaqueiro.

- Sigam-me. Sei o que faço! - ordenou Alex.

No caminho, encontraram Rob, que já regressava.

- Não sairão dali enquanto não receberem ordens, Senhor Carter. E agora, aonde iremos?

- Vamos atacar um grupo que se esconde ali adiante.

- Mas, será possível? - Rob parecia intrigado com aquele ataque tão repentino. - E se houver um grupo mais numeroso mais adiante, justamente esperando por algo parecido para lançar-se contra o gado?

- Venha conosco e não discuta! - ordenou Alex, enérgico.

R-b obedeceu, resmungando.

Quando chegavam perto do local onde acamparam Harry Duncan e seus capangas, estes já haviam juntado suas coisas e galopavam a toda brida. Alex e os rapazes os seguiram durante certo tempo.

- Ainda não percebeu, Senhor Carter? - era Rob quem falava, aproveitando um instante de descanso.

- Estamos cada vez mais nos afastando da manada, sem nenhum resultado positivo.

Já perto de amanhecer, Alex desistiu de seguir Harry Duncan e seus sequazes.

Lewis Marshall, furioso, voltou-se para Carter:

- Onde diabo se meteu? suado e empoeirado como os demais que o acompanhavam. - Vou demiti-lo do cargo agora mesmo.

- Mas, o que houve, Senhor Marshall - indagou o rapaz, espantado,

- Quer saber mesmo? - Marshall estava quase estourando de raiva. - Pois bem:



caíram sobre nós feito abutres, sem nos dar chance para nada!

- Sinto muito, Senhor Marshall - Alex estava desolado. - Pensei que seria melhor perseguir o chefe deles.

- Não sei a quem perseguiu, se eles estavam atacando-nos e levando todas as reses que desejavam! Mandeí Leo procurá-lo, mas cadê? Havia sumido da face da terra!

À medida que falava, Marshall perdia a classe e a educação que o caracterizavam.

- Nós os perseguiremos, Senhor Marshall - falou Alex, estranhamente contrito. - Não podem estar longe.

- Pode ser que não, mas estão já do outro lado do desfiladeiro, pelo menos - exclamou o juiz, com desprezo.

- Podemos ainda alcançá-los.

- Acha que deixarão? - riu comiserativo o juiz. - São trinta milhas de terreno tão acidentado, que mais valem cem.

- Nós conseguiremos.

- Se quiser ir, vá sozinho. Eu e meus homens ficaremos aqui, pois não seremos caçados como coelhos. . . Vá sozinho e sem a estrela. Dê-ma!

Marshall lançou uma olhada para alguns de seus homens que estavam próximos e estes se acercaram. Alex ficou cercado.

Mas, o rapaz riu ameaçador e descansou a mão no revólver.

- Lembre-se, Senhor Marshall - declarou pausadamente. - Quando lhe pedi o cargo, o senhor precisou reunir uma junta e foi então que decidiram aceitar-me. Pois bem, só entregarei a estrela ao presidente desta junta.

Marshall trincou os dentes.

- Eu mostrarei a eles todos quem você é, na verdade, Carter! - gritou fora de si. - Não passa de um cúmplice dos ladrões, pois os deixou roubarem-me e nada fez para impedi-lo.

- Bem sabe que não foi isso, juiz.

- Só sei que não é digno do cargo. Rapazes, prendam-no! Ele é um dos ladrões de gado! - exclamou furibundo.

Os homens foram se aproximando, com as mãos nos coldres.

- Quietos, vocês! - Alex sacou com tal rapidez, que deixou a todos maravilhados. Apontou para a cabeça do juiz. - Sinto

muito que me tenha interpretado mal, juiz, mas não vou deixá-lo prender-me. Farei com que tudo se esclareça e fique comprovada minha inocência e boa intenção.

- Rapazes, não podemos deixá-lo escapar! - gritou Marshall.

- Não percebe que posso matá-lo, senhor juiz? - e Alex destravou a arma, Bastava um leve movimento no gatilho e adeus. - Se insiste nessa ordem, vejo-me obrigado a matá-lo.

Marshall ficou indeciso. Foi o bastante para Alex se afastar e ficar fora do alcance dos homens de Marshall.

- Maldito bandido! - bradou o juiz, danado da vida.

- Diga-lhes para largarem as armas, Senhor Marshall.

- Só o farão quando você estiver longe.

Sorrindo, Alex se afastou com seu cavalo, sem perder de vista ao juiz e aos rapazes.

- Não ouse aparecer em Scott City, Carter! - esbravejou Marshall.- Colocarei um homem em cada esquina, para matá-lo,

se o fizer. Considere-se um fora-da-lei, ou então se entregue!

Sempre com um sorriso nos lábios, Alex mediu bem a distância que o separava e deu meia volta em seu cavalo, partindo a galope, tomando a direção paralela à das montanhas.

Em breve, sumia no horizonte.

## CAPÍTULO VI

ALEX CARTER cavalgou durante todo o dia, por caminhos íngremes e tortuosos. Acabou transpondo as montanhas e cruzou um riacho. Logo à saída do desfiladeiro, encontrara as pegadas do gado, que se perdiam nas águas do rio.

Tornou a encontrar a pista das reses e viu para onde se dirigiam. Já de noite, cansado e coberto de pó, com os lábios ressequidos pela sede, ele voltou para Scott City. Estava satisfeito com o resultado de sua busca.

- Quero que você procure afastá-lo daqui, ou então, impeça-o de continuar agindo - dizia a moça, esquivando-se a um gesto de carinho do homem a seu lado. Mas não quero que lhe faça mal!

- Assim fica muito difícil, Dora - redarguiu o homem, insistindo em tocá-la. - Ele é perigoso e esperto. O melhor é mandar um pistoleiro em seu encalço, para fazer o «serviço».

Dora meditou.

- Talvez fosse exatamente isso que ele deseja e espera. Uma bala que o leve deste mundo.

- Porque o odeia tanto, Dora?

- Ele tem sido uma sombra em minha vida... Desde Nova Orleans, onde tentou conquistar-me à força, tem me seguido, jurando que eu pertenceria a ele. Tenho medo que faça uma loucura, Lewis.

- Fique tranquila, Dora. Eu a protegerei - levantou-se.

Estavam no quarto do hotel onde Dora se hospedara, depois de seu fracasso no saloon.

Marshall andava de um lado para o outro, resabiado. A jovem o conservava à distância, apesar de sua insistência. De repente, parou frente a ela.

- Algo a liga a esse homem, Dora? - perguntou incisivo.

- Pois se eu tenho o maior desprezo por Alex Carter... - riu forçadamente.

- Querida, que acha de ir comigo para Boston, gastar o dinheiro que tenho acumulado? Já estou farto deste lugarejo... Que tal, quer ir?

- Mas, claro, Lewis!

- Você será tratada como uma rainha, querida - tentou acariciá-la de novo, mas foi repellido delicadamente. - Terá o que quiser, viverá no ambiente mais luxuoso com que já sonhou. Mas, porque me foge? Não lhe agrado ?

Lewis ficara de pé, estava com os olhos brilhantes e sentia-se perturbado com aquela súbita paixão por aquela jovem bonita.

- Tenho certeza que vou amá-lo com loucura, Lewis - tais palavras tiveram o dom de apaziguá-lo. - Mas antes, queria que satisfizesse meu único capricho: escorraçar de Scott City o odioso Alex Carter!

- Acho que ele não ousará mais aparecer por aqui - falou Marshall com raiva. - Mas se o fizer...

A moça ficou pendente do que ele iria dizer. Marshall sorriu.

- Esteja certa, queridinha - disse - tenho tudo preparado para que ele seja expulso como um cão danado.

E, muito confiante de si, Lewis Marshall saiu para a rua. Foi a diversos lugares, trocando palavras com seus homens,

dando-lhes instruções de como deviam agir, se Carter aparecesse.

Faltava pouco para que o dia raiasse, quando Alex Carter surgiu na cidade de Scott City.

Avançava decidido, sabendo exatamente para onde devia ir. Mas não ignorava as dificuldades porque teria de passar, para atingi-lo. Assim, tomou suas precauções. Amarrou o cavalo fora dos limites da cidade, e entrou numa ruela pouco frequentada. Seguiu por um beco que levava à rua principal.

Numa esquina, havia um homem postado, fumando displicentemente. Estava mais ou menos bem protegido pelas sombras e por uma parede. Alex se abaixou e, apanhando um pedaço de madeira jogado por ali, atirou-o contra uma carroça parada, despertando a atenção de sentinela para aquele lado.

O homem deu um salto. Fez um sinal para um outro, que estava escondido ali perto. Este foi caminhando devagar em direção ao barulho que ouviram. Ia com um rifle na mão e o dedo em seu gatilho. Olhava para os lados, em um exame, mi-



nucioso. Via-se que estavam bem alertados do perigo que corriam, dando caça a Alex Carter!

Súbito, o homem deteve-se.

- Gato maldito! - exclamou. Levava um grande susto, com a passagem de um gato perto dele.

Agora, já mais tranquilo, resolveu voltar para a esquina onde seu companheiro o esperava, também despreocupado. O homem então, em seu andar vagaroso, passou bem rente ao monte de lenha onde o perseguido se escondera.

De repente, mãos vigorosas agarraram-no pelo pescoço. Quis gritar, mas de sua garganta só saiu um gemido abafado. Aos poucos, a pressão ia aumentando, inexoravelmente. Sua última visão foram umas estranhas luzes avermelhadas, que foram se apagando, à medida que ele ia caindo.

Fora golpeado na cabeça pela coronha do revolver de Alex. Este, apanhando sua arma, foi em direção à esquina, onde estava o outro indivíduo de tocaia. Antes de mais nada, havia feito comparações, e chegara à conclusão que podia ser confundido com o

sujeito caído no feixe de lenha. Tinham a mesma altura e suas roupas eram parecidíssimas.

- Ei, volte logo, rapaz - gritou o da esquina. - Não creio que o nosso sujeito se atreva a aparecer, muito menos hoje, Lambert.

- Pois eu penso o contrário, amigo.

O homem só teve tempo de abrir a boca, tal o espanto em reconhecer aquele cara à sua frente. Quando quis gritar, levou um formidável soco na boca, que o derrubou no chão.

Alex foi até a rua principal, mas ela estava tão iluminada pelos cafés e saloons que Alex resolveu voltar para a outra rua, mais escura.

Um homem caminhava para a esquina, portando um rifle.

- Lambert! O que está fazendo aí, homem? - gritou, mas sem se adiantar muito. Não obteve resposta. Ficou apreensivo. - Lambert, Crosby, vocês estão aí?

Ainda não houve resposta. O sujeito virou-se e gritou:

- Rapazes, venham cá! Há algo estranho nesta rua!

Alex ouviu os passos apressados de um grupo de homens. Pôde perceber suas exclamações de desagrado, ao falarem com seu companheiro.

- Mas, o que tem, Gordon? - ouviu Alex, alguém perguntar, zombeteiro. - Está vendo fantasmas?

- Ora, não amole! - resmungou o tal Gordon. - Isto está esquisito. Vi quando o Lambert e Crosby entraram nesta rua e não voltaram mais.. . Chamei-os e não respondem.

- Idiotas! - berrou um. - O jeito é varremos a rua a tiros.

- Poderíamos ferir um dos rapazes - ponderou Gordon. - O melhor é irmos averiguar o que houve.

- Está bem - concordou de mau-humor o sujeito que propusera os tiros. - Então você Sam, e você, Gordon, vão pelo curral até o outro lado da rua. Não quero ter surpresas.

- Não creio em surpresas, Slim. Não é possível que o tal sujeito que vigiamos se atreva a surgir na cidade.

- Não me interessa o que você ache - falou Slim de maus modos. - Faça o que eu digo. Vá vigiar o outro lado da rua!

Os dois homens correram a obedecer-lhe. Slim então caminhou pelo beco escuro a dentro. Mas, logo de saída, tropeçou com o corpo de Crosby.

- Bem, rapazes, vejam isto - falou entredentes. - Eis aí a prova de que o camarada anda por aqui.

Fizeram com que Crosby voltasse a si e dissesse o que acontecera.

- Deve estar por aqui - disse ele, esfregando a cabeça dolorida. - E vai se arrepender, quando eu o encontrar...

Foi interrompido por uma saraivada de tiros.

- Pessoal! - gritaram do outro lado. - Cuidado, ele vai por ali!

Mas Alex ia passando correndo e atirando na direção deles. Procuraram refugiar-se das balas, apavorados. Quanto a Alex, conseguira alcançar a rua principal. Teve um pressentimento de que algo o ameaçava e se virou, no momento preciso em que Slim fazia pontaria para sua pessoa. Alex não perdeu tempo e revidou ao tiro.

Conseguiu acertar o ombro de Slim, que caiu gemendo.

Alex começou a correr, sentindo o braço doer, como se tivesse um ferro em brasa encostado nele. Às suas costas, o número de inimigos crescia consideravelmente, iam gritando, possessos. Sabia o perigo que estava correndo, mas não ignorava que, se pudesse alcançar o local desejado, seria sua salvação, talvez. Quando passou pela entrada de uma ruazinha escura, não hesitou: entrou nela e desapareceu de vista.

Sabia que era um risco, aquela demora imprevista. De fato, logo as duas entradas da rua foram tomadas pelos homens de Slim, que atiravam sem cessar.

Mesmo com o braço esquerdo ferido, Alex conseguiu subir num telheiro e, deslizando como um felino, foi de telhado em telhado, até alcançar o edifício que procurava. Deu um pulo e se viu na rua principal, agora deserta. Muito próximo a ele, estava o local que procurava.

Caminhou com cuidado, até atingir o jardim da entrada da casa de Grace Arden. Notou que seus inimigos apareciam, correndo. Num salto rápido, escondeu-se

atrás dos arbustos, tendo o revólver empunhado. Mas, não foi visto.

Deixou seu abrigo provisório e foi até à casa. Estava com uma janela aberta. Alex, com o braço são, empurrou a cortina para um lado e penetrou na casa do ex-xerife de Scott City.

Tornou a baixar as cortinas, fechando a janela. Viu que estava no meio da sala onde estivera antes. Olhou para os lados e caminhou de mansinho para a biblioteca. Respirou aliviado, quando encontrou a chave da estante na fechadura. Antes de abrí-la, verificou se a porta estava fechada. Depois, foi até o móvel e abriu as portas de par em par.

Avistou uma caixinha, duas garrafas e uns papéis amarrados. Acendeu uma vela e, colocando a caixa sobre a escrivaninha, procurou uma navalha em seu bolso. Constatou que a fechadura era mais difícil de arrombar, do que parecia à primeira vista. No entanto, depois de muita paciência e obstinação, conseguiu abri-la.

Aproximou um candelabro e iluminou o conteúdo da caixa. Via-se ali um rolo de barbante, algumas moedas atiradas ao

acaso e um sobrescrito, neste, continha umas cartas e algumas folhas, escritas com letra firme e regular.

Quando Alex, sorridente, se dispunha a guardar tudo aquilo no bolso, a porta se abriu e ele ouviu uma voz:

- Fique quieto... Está sob a mira de um revólver.

Era Grace Árdén quem falava. Estava com um pesado quarenta e cinco nas mãos. Devia ser o que seu pai usara quando em vida. A jovem apoiava-se no umbral da porta.

- Ouvi tiros e fui até à janela. Vi quando o senhor se escondia entre os arbustos. Depois, acompanhei-o com a vista, quando se dirigiu para esta janela e percebi que estava ferido no braço. Calculei que procurava algo. O que busca?

Ela nem se dava conta que sua situação era frágil. Alex estava com o candelabro próximo e poderia deixar o aposento às escuras, aproveitando-se para se lançar para o lado, sacando do revólver .

Alex ia falar, quando se ouviram passos apressados dos que o procuravam.

- Dêem a volta - ouvia-se a voz de um deles. - Deve estar por aqui mesmo.

- Sim, não pode estar longe - dizia outro, com voz cansada. - Mas, onde terá se metido? Parece ter sido tragado pela terra.

- Revistem tudo, cada buraco, cada sombra. É bem possível que esteja aqui mesmo, e nós não o vejamos.

- Há muito tempo que desapareceu de nossas vistas. Mas não desanimem. Todas as saídas estão bloqueadas e ele não tem chance de escapulir.

Aos poucos, as vozes foram se afastando.

- Muito bem... O que procurava ? - perguntou Grace.

Alex sorriu, fazendo com que a moça estremecesse .

- Quem sabe? Talvez um punhado de dinheiro; ou então, aquilo que seria a sentença de morte do Senhor Lewis Marshall.

- E teve êxito em sua busca?

— Quanto ao dinheiro, não achei nada que valha a pena.

- E a outra coisa?

- Nisto tive mais sorte - declarou Alex.



- Poderei alegar que o senhor veio aqui para se refugiar, para que eu o examinasse e cuidasse de seu ferimento. Mas gostaria de saber o motivo que o trouxe a procurar uma sentença, como o afirma.

- Se quer saber - falou, seguro de si - seu pai não morreu por causa de um capricho de um criminoso. Lou recebeu ordens para fazê-lo.

- Muito interessante! - Grace não acreditava no que ouvia e zombava.

- E não pense que foram os Duncan que o ordenaram. Não, Lou recebeu a ordem de Bud Latimer, o qual seguia orientação de um tal Lewis Marshall, juiz de Scott City e importante rancheiro .

Ela começou a rir.

- Com que finalidade pretende enganar-me, dizendo tantos 'absurdos sobre um cavalheiro tão honrado? - ela estava irada e seus olhos o fitavam, cheios de completo desprezo e repugnância. - Pois saiba quem é Lewis Marshall: um homem de bem, que custeia a escola primária, o posto de xerife e vai construir uma nova sede da igreja. Recebe bem a todos os que batem à sua porta, sejam ricos ou pobres.

- Tudo não passa de hipocrisia e fingimento - declarou Alex com tal convicção que deixou a moça abalada.

- Você é mesmo muito mesquinho e cruel... Como posso dar-lhe crédito?

- Sei que agora será difícil de prová-lo, mas posso preveni-la para que tome cuidado com ele e não o deixe entrar nesta casa - falou o rapaz, muito sério.

- Bandido! — exclamou, irritada. - Como pode chegar a tal ponto sua baixeza ?

Alex então, com súbita decisão, enfiou a mão no bolso do paletó e tirou de lá um punhado de papéis, atirando-os sobre a mesa. Depois, foi para o fundo do aposento, ficando de costas.

- Creio que posso confiar em sua força de vontade, para suportar um golpe deste - falou secamente. - Quer-me dizer o que contêm esses papéis?

Grace ficou indecisa. Mas, logo em seguida, ele ouviu o farfalhar do papel em suas mãos.

Alex se virou, lentamente. Ficou de frente para ela. Grace apoiara o revólver na mesa e, com ambas as mãos, segurava os

papéis, nervosamente. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

- Tenha cuidado com eles! - Alex tirou-os de suas mãos, com cuidado. - Eles custaram a vida a seu pai.

Grace custou a querer soltá-los. Estava profundamente abalada e parecia que ia desmaiar, tal a emoção repentina.

Foi até uma poltrona e ali se deixou cair, chorando convulsivamente. Seus soluços sacudiam-na toda.

- Como pôde saber o conteúdo desses papéis? - perguntou quando pôde se controlar um pouco.

- Eu simplesmente tirei uma conclusão - foi a resposta.

Aproximou-se dela.

- Não lhe disse antes para não magoá-la. Mas precisava tomar uma atitude. Sua vida corre grave perigo, Senhorita Grace.

- Quem irá me proteger, num lugar cheio de criminosos e ladrões...?

- O mais patife de todos: eu - disse Alex num sussurro.

Ela levantou os olhos, surpreendida.

- Você? - perguntou, perplexa.

Súbito, pareceu ter tomado uma resolução.

Levantou-se e, enxugando as lágrimas, aproximou-se do rapaz. Seus olhos tinham um quê de misterioso .

- É mesmo, só um grande canalha pode enfrentá-los...! Deixe-me ver o seu braço!

- Acalme-se.

- Preciso cuidar de seu ferimento, para que você continue matando.

Mas, novo acesso de choro a fez. descontrolar-se. Alex a guiou para uma cadeira, onde a jovem deu largas ao desespero.

Ele foi até a porta.

- Vai embora ? - ela o olhava de soslaio.

- Não vai me deixar tratar de seu braço ferido?

- É um simples arranhão.

- Mas precisa de ser desinfetado e de uma bandagem... Espere-me, vou buscar a caixa de curativos.

O choro parecia tê-la acalmado um pouco, parecia mais serena. Mas Alex percebeu em seus olhos, um brilho diferente, cheio de determinação.

Foi até um armário e de lá tirou uma caixa com tudo que era preciso para fazer um curativo de emergência. Alex se deixou cuidar.

- Perdoe-me pelas palavras cruéis - disse ela, num tom cansado. - Creio que o melhor é eu ir para longe; nada mais me prende aqui.

- Esquece-se de seus doentes? Eles necessitam da senhorita.

Ela baixou a cabeça, assentindo.

- Não tenha medo, Senhorita Arden - falou com simplicidade. - Eu tomarei conta deste patife, que comete os piores crimes, fingindo uma bondade que não existe.

-  
-

## CAPÍTULO VII

- Por favor, Alex - pediu Grace —, fique aqui hoje.

O rapaz fez um gesto negativo.

- Não, se eu ficar aqui, nada resolverei. Enquanto que, indo à procura de Marshall, poderei desmascará-lo - declarou. - Minha intenção, porém, é fazê-lo em sua presença, Grace. Para isso, é preciso que continue a tratá-lo como antes, fingindo nada saber.

- Será difícil, pois agora não confio em deixá-lo entrar em minha casa.

Alex pareceu meditar.

- Tenho uma idéia - disse de repente. - Estou quase certo de que ele sabe da existência do manuscrito... Há de querer vir apanhá-lo...

Grace o fitou, demonstrando estar apavorada.

- Esteja tranqüila - falou com determinação. - De qualquer jeito, eu não me afastarei muito daqui...

- Mas, eles estão no seu encalço...!

- Você é testemunha de que sei defender-me - falou duramente.

Saiu para fora. O Sol já despontara, iluminando as ruas. Alex caminhava no centro da rua principal olhando disfarçadamente para ambos os lados.

Quando passava perto do hotel onde se hospedava Dora, percebeu que alguém queria chamar-lhe a atenção. Seu primeiro pensamento-era que queriam armar-lhe uma cilada. Mas, vendo a rua quase deserta, resolveu arriscar-se.

Avistou Leo e Rob, meio ocultos pela penumbra do telheiro de uma ferraria. Aproximou-se, sempre exibindo uma cautela razoável, pois ainda estava em tempo de cair numa armadilha.

- Que querem? - botou um pé na beira da calçada. - Têm alguma coisa a dizer a um fora-da-lei?

- Se o senhor o é, então nós também o somos - falou Rob sorrindo. E, vendo o espanto de Alex, completou: - Mas, venha, queremos falar-lhe.

Alex se acercou.

- Que estão pensando, rapazes? Vou entrar, mas levarei o revólver apontado para

vocês, como medida de segurança - e caminhou, sorrindo de tal modo que os dois ficaram pálidos.

Falava em voz alta, de propósito e empurrando Leo, conforme entrava. O rapaz parecia tão surpreso com aquela entranha atitude e, tão ofendido, que não podia estar fingindo.

- Mas, o que é isto, Senhor Carter ? Será que não confia em nós?

Alex olhou em volta e viu que estavam sós. Fitou os dois vaqueiros.

- Podem falar sossegados, que eu estou vigiando - disse o ferreiro, um homem de idade avançada, que foi sentar-se num banquinho surrado, frente à janela.

- Estejam certos que não há um inimigo que surja e eu não o enxergue à distância - riu o velho. — Tão certo quanto eu me chamo Robert Wahite.

- Sabe quem é êle, na realidade? - perguntou Leo a Alex, apontando o ferreiro.

Alex sacudiu a cabeça, negando.

- É nada mais, nada menos, que o presidente da Junta de Vizinhos de Scott City. Não lhe lembra nada? — Rob pronunciara aquilo com um certo orgulho.



- Bem, só posso dizer que causa espanto, saber que é um ferreiro. Pensei que fosse um homem que lidasse com dinheiro, ou tivesse uma posição de destaque.. .

- Pois ele foi escolhido porque é um homem inatacável. Honesto, de caráter nobre e boníssimo... - completou Leo, ativo.

- Muito bem. E o que desejam de mim?

- Estávamos os três conversando, quando o vimos passar - disse Rob. - Achamos que seria conveniente falarmos com o senhor.

- Mas antes, gostaríamos de saber se podemos contar com sua completa discrição - falou Leo, veemente. - Quem é, na realidade, Senhor Carter?

- Adianta-lhes saber que sou um enviado especial do governador?

Os dois rapazes ficaram meio decepcionados, tristes.

- O enviado do governador, um rural, foi assassinado antes que pudesse chegar aqui - explicou Leo compungido. - Era esperado... Aposto que foi obra dos Duncan, aqueles canalhas.

- Realmente, foi coisa de Harry Duncan  
- concordou Alex. - O que eu não compreendo, é porque o tal Duncan leve a culpa de todos os crimes praticados por Lewis Marshall.

- A explicação é simples, Senhor Carter - informou Leo. - Os Duncan estão «com a corda no pescoço». Em resumo, na miséria. O Rancho do Demônio, na verdade pertence a Marshall, graças a uma hipoteca vencida...

- Eles dependem de Marshall - prosseguiu Rob, no mesmo tom. - é só ele querer e os expulsa de lá.. .

- Ele tem em suas mãos aos dois irmãos, como teve o xerife Arden e quer agora dominar o presidente da Junta... - continuou Leo. - Aqui todos sonham com o dia em que Marshall seja derrotado e acabem as injustiças. Mas têm medo de uma iniciativa. De qualquer jeito, nós não iremos mais trabalhar em seu rancho. Não queremos ser cúmplices de seus crimes. Alex ouviu uns passos nos fundos da loja.

- Há uma porta ali atrás? - perguntou em voz baixa.

Leo megou.

- Só uma janelinha, que não dá para entrar ninguém, acho eu.

- Bem, rapazes - Alex fingiu não se preocupar mais com os passos furtivos. - O tal enviado do governador foi chamado a pedido do próprio Marshall, que desejava se manter no posto. Acontece que o xerife Arden fez o mesmo pedido e aqui estou, como o enviado. Vejam - mostrou-lhes a carta que Marshall lera. - Quando Marshall a viu, ficou confuso. Ele agora pensa que não mataram o homem certo, isto é, que fizeram confusão e mataram a pessoa errada. Deviam é ter-me matado.

- Então ele sabe que o senhor é o encarregado de...

- Finge não acreditar agora - interrompeu-o Alex. - Então fez aquela encenação, para que vocês pensassem que eu estava trabalhando de conivência com os Duncan... Só assim poderia eliminar-me, sem lançar suspeitas.

- Então o ataque à manada. . .

- Simples encenação, rapazes - informou Alex. - Ele deu ordens aos vaqueiros para não reagirem. Deve ter-lhes dito que seria

melhor perder o gado, do que qualquer um deles perder a vida. Convenceu-os.

- Só agora vejo porque o grupo que perseguíamos não se defendia - gemeu Leo.  
- Queriam é afastar-nos do lugar. E tiveram êxito.

- Eu percebi e entrei no joguinho - falou Alex.

- Como o julgamos mal, Senhor Carter! - riu Leo. - Marshall pensou que o enganara...

- Foi o seu primeiro erro - assentiu Alex.

- Slim, que é o «cabeça» dos ladrões, teve ordens para não acertar a nenhum dos que conduziam o gado, pois dentre eles, havia os que estavam mancomunados .

Alex tomou fôlego.

- Confiam agora em mim, rapazes? - perguntou .

- Totalmente, senhor - Rob apertou a mão que Alex lhe estendia. - E juntos poderemos fazer muitas coisas boas.

- Pode começar a dar as ordens, senhor - disse Leo. Depois, caminhou até perto da porta.

- Ouviu, Senhor Wahite?

- Sim - respondeu o ferreiro, do lado de fora. - E acho que é o homem que precisávamos. Na qualidade de presidente da Junta, mantenho-o no cargo de xerife de Scott City.

Foi então que ouviram uma risada nos fundos do estabelecimento.

- Também eu ouvi, principalmente no que toca à confiança que depositam em Alex Carter.

Quem assim falava e que surgira como que por encanto, era Dora. Tinha um jornal de data antiga na mão e os olhava insolentemente.

- Que está fazendo aqui, garota? - exclamou Alex, dirigindo-se para ela. - Devia estar no hotel, esperando que Roger venha apanhá-la.

- Oh, sim, Eu li a mensagem que você mandou para ele. Comovedor: «caro Roger. Venha buscar sua irmã. Necessita de cuidados». Não era o que dizia?

E começou a rir.

- Pode ser que eu me resolva a acompanhar Roger, Alex - caminhava para os dois vaqueiros. - Mas antes, vou dizer a eles quem você é. Leiam esta notícia!

- Cale-se, Dora!

Nisto, apareceu o Senhor Wahite, que entrara e estava abismado com a presença da moça ali.

- O que se passa aqui dentro? - perguntou espantado.

- Nada demais, Senhor Wahite - falou Dora . - Quero apenas ler uma notícia interessante. Creio que também o senhor há de gostar de ouvir.

- Dora... - interveio Alex.

- Está com medo? - ela ria, fugindo de Alex, que queria tirar-lhe o jornal da mão. - Vou satisfazê-lo. Direi a todos quem você é, na realidade. E não tente me impedir - disse ela, vendo que ele a olhava ameaçador.

- Bem, moça, acho que já formou muita confusão. Que deseja? - perguntou o ferreiro.

- Ler esta notícia antiga: «Herdeiro de fabulosa fortuna, mata seu próprio pai, numa caçada perto do lago Okechobe...» Ah, esquecia-me de dizer seu nome: Alex Carter.

Todos, inclusive Dora, perceberam a reação violenta de Alex. Cerrara os dentes com força e apertava os punhos. Sua cor, naturalmente bronzeada, ficara de um tom

lívido. Avançou para ela, de mãos levantadas e um olhar de fúria cega.

- Devia matá-la! - falou fora de si.

Mas, conteve-se, fazendo um esforço sobre-humano.

- Então, covarde, não vai fazer o que ameaça? - ela o provocava, mais para magoá-lo.

- Você, além de tudo não sabe ler direito - falou, depois que se acalmou e ficou dono da situação. - «Pulou» uma palavra do texto, que é justamente o mais importante.

Ela ficou um pouco desconcertada. Tornou a ler.

- Ah, sim! - desculpou-se, sinceramente. - Agora a li, mas não creio que você lhe tenha dado a importância que agora quer atribuir a ela.

- Há tempos, eu nem ligava importância a ela - concordou ele. - Julgava-me e ainda me julgo, o assassino de meu pai. Porém, ela poderá fazer com que outras pessoas possam compreender e não ter nojo de mim. Tem medo de pronunciá-la?

- Medo porquê?

- Diga-o, então.

- Que você matou seu pai?

- Matei-o, sim - falou soturno. - Mas diga essa palavra!

A moça olhou para os que contemplavam a cena em silêncio. Com fingida naturalidade, apanhou o jornal.

- Dizem aqui que foi «acidentalmente». Terá sido? - foi mordaz. - Talvez nem mesmo o próprio Alex Carter, aqui presente, possa afirmá-lo!

No entanto, aquela palavra serviu para desanuviar os semblantes dos três homens.

Então, o presidente da Junta dos Vizinhos de Scott City, caminhou em direção a Alex Carter.

- O senhor pode dizer. Foi acidental ou não? - perguntou incisivo.

- Realmente, foi um trágico acidente - confirmou Alex, com o olhar sombrio. - Mas, a verdade é que eu poderia ser menos convencido e não me julgar tão seguro com as armas. Poderia tê-lo evitado.

O Senhor Wahite virou-se para Dora.

- Senhorita - falou enérgico - sua presença é absolutamente dispensável. Pode se retirar agora.

- Posso sair pela porta? - falou simplesmente. - A janelinha é incômoda...



- Saia - Wahite apontou a porta.

Dora se retirou, não sem antes ter dirigido um olhar rancoroso e cheio de desprezo para Alex.

- Senhor Carter - o velho ferreiro olhava diretamente para Alex - o assunto é delicado. O fato do senhor levar consigo um sentimento de culpa, não quer dizer que seja mesmo um assassino, mas se pensa assim, é porque sabe que poderia tê-lo evitado... Pôde ou não? Pense bem, Senhor Carter. O assunto é complexo e deve meditar bastante, antes de responder.

Alex parecia ter envelhecido cem anos, de tal modo estava abatido. Seu olhar era triste e parecia perder-se no passado.

- As coisas aconteceram num ritmo muito rápido - começou Alex. - Meu pai estava a uns oito ou dez metros de mim, num matagal... Súbito, apareceu a caça, fiz o disparo, e ao mesmo tempo, surgiu meu pai... Quase todos havíamos atirado ao mesmo tempo...

- E que poderia ter feito você para evitar o acidente? - Wahite parecia realmente querer ajudá-lo. - Diga-me, não poderia ter sido outra bala que matou seu pai?

- Eu era muito confiante em minha perícia - negou Alex. - Devia ter previsto que meu pai se levantaria e que um tiro meu poderia abatê-lo...

- Desculpe-me, mas preciso dizer-lhe algo, rapaz - disse o bom velho. É impossível calcular certos fatos quase imprevisíveis com exatidão... É impossível deter o destino, jovem. Não se pode forçá-lo.

Fez uma pausa, parecendo relembrar algo.

- Vou relatar-lhe uma história verídica - começou há muitos anos. Minha falecida esposa tinha medo de tempestades. Era uma obsessão, temia ser morta por um raio fatal. Pedia-me sempre para construir um subterrâneo, para que nos abrigássemos em dias de tormenta. Bem, num dia em que choveu muito e houve trovoadas, apenas um raio, ao que se saiba, caiu na terra. E foi o que matou minha mulher, fulminando-a. Acha que devo sentir-me culpado de sua morte? Seja sincero!

- É difícil compreender - Alex balançava a cabeça. - É tão difícil...

- Realmente é difícil compreender as fatalidades da vida. Não sabemos porque

não podemos impedi-las. Eu, por exemplo, sei que teria minha esposa hoje ao meu lado, se tivesse feito sua vontade. Mas, quem pensa em construir um abrigo subterrâneo para abrigar as pessoas queridas ? Como podia eu tê-lo feito?

As últimas palavras do velho, foram num sussurro magoado. Mas, ele reagiu.

Levantou a cabeça e sorriu. Bateu no ombro de Alex Carter.

- Ande, rapaz, convença-se de que não podemos impedir o que o destino resolve - falou persuasivo. - Não podemos manejá-lo a nosso bel prazer. E ele, às vezes, resolve ser muito cruel e cego, sem levar em conta nossos sentimentos.

- Tem razão, Senhor Wahite - Alex sosurrou sem alegria. - O senhor me conforta com suas palavras. No entanto, eu...

- Sei, nada pôde fazer para evitar - terminou o ancião, cortando as palavras do rapaz. - Compreendo-o!

O rapaz não pareceu muito convencido, mas assentiu.

- Bem, que acha de mudarmos de assunto, Senhor Carter? - sugeriu o Senhor Wahite.

Respirou fundo.

- Por exemplo: que acha de continuar como xerife? Para nós, é uma ajuda valiosíssima. Um homem de seu gabarito, valente e ágil no gatilho, além de ser agente especial do governador. O que diz?

- Aceite, Senhor Carter - falou Rob, entusiasmado. - E pode contar conosco!

- Sim, deixe-nos como seus ajudantes e verá como lhe seremos úteis - exclamou Leo sorridente.

- Está bem, Senhor Wahite - consentiu Alex. - Estou às suas ordens.

- Quem sou eu, diante de um agente do governador? - riu o velhinho. - O senhor está com plenos poderes para fazer o que achar melhor.

- Obrigado, Senhor Wahite. Apertaram-se as mãos.

Em seguida, Alex e seus ajudantes foram em direção à delegacia.

- Sabem, rapazes - dizia Alex para eles - a Senhorita Arden está correndo grave perigo.

- A Senhorita Arden? - espantou-se Rob.
- Sim. E o perigo vem de Marshall e sua gente.
- Diga-nos o que fazer.
- Vocês vão se revezar e vigiar a casa dela, dia e noite - instruiu Alex, sempre olhando para os lados. - Assim que virem Marshall ou um de seus homens aproximarem-se da residência, corram a avisar-me.
- Muito bem, Senhor Carter. Assim faremos.

—  
—

## CAPÍTULO VIII

ROB foi escolhido para o primeiro turno de vigilância . Alex e Leo foram para, a delegacia.

Alex empurrou a porta do escritório. Leo mal conteve um grito de surpresa.

Lá estava um homem, atrás da mesa do xerife. Perto dele, estavam mais dois, tão mal encarados quanto ele. Pareciam satisfeitos. O da cadeira, ostentava a estrela de xerife da cidade. Estava com os pés em cima da mesa, a qual estava num estado deplorável. Com pontas de cigarros espalhadas, papéis sujos e rasgados e marcas de garrafas. Enfim, um aspecto de desleixo total.

- O que deseja, rapaz? - perguntou o que ostentava a estrela de metal, cuspidando o toco de cigarro que tinha entre os lábios manchados de nicotina, e olhando para Alex de maneira insolente.

- Queria saber com que direito ocupa este cargo - falou Alex sem cerimônia.

O sujeito deu uma risada, mostrando seus dentes mal tratados. Deu de ombros.

- Não preciso perguntar a ninguém o que devo fazer - falou com arrogância. - Quando resolvo tomar uma coisa, ela fica sendo minha.

- Bem, é que, neste caso, é preciso ser nomeado por alguém de direito - enquanto falava, Alex ia encaminhando-se para a mesa. - Não se pode fazê-lo assim...

- Olhe lá, guri... — os dois camaradas que estavam de lado levantaram-se, com expressão de aborrecimento, aproximando-se de Alex. - Por acaso alguém lhe pediu a sua opinião?

- Bem... - começou Alex.

Súbito, resolveu mudar de tom e colocar tudo em pratos limpos.

- Falemos claro, querem? Você é um tal de Slim, cuja profissão é ladrão de cavalos?

- Puxa, como adivinhou? - o bandido estava assombrado.

- Você ainda não viu nada, Slim. Sou capaz de dizer muitas coisas certas sobre a sua pessoa. Além de ser um ladrão astucioso, é também um assassino covarde. Prefere os assaltos à mão armada, mas o

que mais chama a atenção em sua repugnante figura, é a covardia que dita todas as suas ações.

À medida que Alex falava, Slim ia ficando de várias cores. Do pálido, passou ao vermelho congestionado e fez uma careta de ódio, torcendo a boca num gesto perverso.

- Você vai me pagar todos estes insultos, imbecil! - resmoneou, levantando-se. - Hei de fazê-lo engolir essas palavras...

Ficou meio indeciso, olhando para seus capangas.

- Então, Slim, estou à sua espera! - provocou-o Alex, altivamente. - Oh, esquecia-me que sua principal característica é a covardia. Não poderá fazer o que diz.

Com toda sua imbecilidade e falta de inteligência, Slim conseguiu, finalmente, chegar à conclusão de que o homem à sua frente, não era um sujeito comum. Era diferente, especial.

Bastava olhar para o rosto de pedra que possuía, para seus olhos decididos e frios, para sua atitude de desafio, enfim, para sua figura vingativa e implacável. Slim



estremeceu, suando frio. Olhou para seus sequazes.

- Detenham-no! - ordenou.

Os malandros perceberam que seu chefe, ao dar aquela ordem, fazia um gesto sorrateiro em direção às armas.

- Considerem-se presos - disse um deles, com a mão no ombro de Alex.

Alex, num movimento rápido e imprevisto, apanhou aquela mão e, dando um golpe de judo, rodou o indivíduo, fazendo com que fosse cair na mesa central, gemendo e perdendo a consciência.

Na mesma hora, Slim e o outro sacaram seus revólveres. Mas isto não iria ajudá-los em nada. Alex também sacara o seu e os apontava.

- Levantem os braços - ordenou-lhes. Leo desarmou-os e os trancou na cela.

- Você está «frito»! - berrava Slim detrás das grades. - Foi o Senhor Marshall quem me nomeou.

- Vai nos pagar bem caro - gritou o outro bandido, imitando o seu chefe. - Não sabe com quem está se metendo.

Alex sorriu.

- E vocês ignoram uma coisa interessantíssima - declarou sorridente. - Quem vai lhes fazer companhia, muito breve, será o «respeitável» Senhor Marshall - disse ironicamente.

- Você está doido - bradou Slim, furioso. - Não há quem possa com o Senhor Marshall. Estará perdido, se não sair daqui agora, correndo!

Alex não respondeu. Saiu dali, juntamente com Leo.

- Senhor Carter, na verdade o Senhor Marshall tem o controle de tudo na cidade. Será fácil para ele mover todo mundo contra o senhor - disse Leo, preocupado.

Alex disse a Leo para ficar na delegacia, enquanto ele saía. Não temia os pistoleiros da cidade. Sabia que eles, sem o chefe Slim, não eram tão perigosos. Eram homens acostumados a seguir ordens. Não tinham iniciativa própria.

De repente, foi abordado por Rob, todo agitado.

- Senhor Carter, não pude impedir. A Senhorita Arden saiu... - exclamou desalentado.

Alex ficou alarmado.

- E para onde foi? - perguntou agitando o braço de Rob. - Que caminho seguiu?

- Tomou o caminho do cemitério... Levava umas flores. Oh, Senhor Carter, não pude impedi-la!

Vários cidadãos, entre eles o dono de um armazém central, um rancheiro e um empregado do Senhor Wahite, vieram juntar-se a Alex e Rob. Pareciam temer alguma coisa e olhavam para ambos os lados.

- Senhor xerife - falou o dono do armazém - conte conosco. Precisamos perder este medo que nos tolhe os movimentos e nos faz escravos de um homem sem moral. O senhor diga o que devemos fazer.

Eram cinco homens que, apesar dos olhares temerosos, demonstravam querer ajudar. Todos portavam armas e estavam mesmo decididos a cooperar .

- Então, fiquem perto da casa da Senhorita Arden - comandou.

- Bem, mas qual será nossa missão ali? - perguntou o rancheiro.

- A mais simples possível - explicou. - Basta mandar uma bala na cabeça de quem

tentar penetrar nela. Ah, esquecia-me do mais importante - olhou-os fixamente: - Lembrem-se de que suas vidas estão em jogo. Saibam defendê-la e não se arrisquem à toa.

Alex apanhou seu cavalo e galopou em direção ao cemitério, que, no entanto, não ficava muito longe.

Grace Arden chegou ao cemitério. Desmontou e se internou no pequeno bosque que levava ao campo santo. Tinha em suas mãos um ramo de flores frescas e perfumadas.

Caminhou entre as sepulturas e foi, finalmente, encontrar a que procurava. Abaixou-se e colocou as flores, ajoelhando-se ao mesmo tempo e fazendo uma prece pela alma de seu querido pai.

Estava assim absorta, quando teve a inquietante sensação de que não estava mais sozinha. Alguém a observava de algum lugar. Olhou em volta, mas só viu os passarinhos que vojavam daqui para ali.

Levantou-se.

- Que quadro maravilhoso!

Grace ficou paralisada. Virou-se lentamente. Lewis Marshall caminhava para ela, sorridente.

- Na verdade, Grace, você é linda e faria um belíssimo quadro, se a pintassem aqui, rodeada de tantas flores e de uma paz bucólica.

- O que faz aqui, Senhor Marshall?- perguntou, quando pôde respirar.

- Porque se espanta? - ele sorria de modo desagradável. - Bem sabe o quanto eu estimava seu pai... Resolvi visitar sua tumba...

Grace precisou de toda sua força de vontade para não se delatar e lançar o quanto sabia sobre aquele homem desprezível e hipócrita.

- Se tivesse me avisado - continuou ele - nós teríamos vindo juntos.

- Agradeço sua boa vontade, Senhor Marshall - a custo continha sua indignação.

- Mas, prefiro vir sozinha.

Marshall sorriu, mas deixando entrever um quê de reprovador.

- Sei o quanto você tem sofrido, com a morte de seu pai, Grace - e se aproximava

cada vez mais dela - mas isto não é motivo para ficar tão arisca e esquiva comigo...

Fez uma pausa, para ver sua reação. Depois continuou:

- Há muito que meu coração palpita por você, Grace - sua voz estava repleta de desejo e paixão contida. - Sei que poderei proporcionar-lhe momentos muito agradáveis, compreende, Grace? Será feliz comigo.

Já de outras vezes, Marshall insinuara à jovem, seu interesse por ela. Grace o acolhia discretamente, sem dar uma resposta animadora, mas sem o repelir. Agora, as coisas haviam mudado radicalmente. Ela sabia o quanto ele era canalha e sentiu nojo ao ouvi-lo.

- Estou compreendendo-o, Senhor Marshall - obrigava-se a falar com serenidade, embora seu coração estivesse agitado. - Mas vou pedir-lhe que não torne a tocar nesse assunto.

E dito isto, foi caminhando em direção à sua montaria.

- Grace - Marshall a seguira e a puxou por um braço.— Você não pode me tratar assim.

A jovem sentiu-se revoltada com aquela intimidade. Virou-se com brusquidão e o olhou raivosa e cheia de desprezo.

- O que pensava? - Queria que eu desmaiasse e caísse em seus braços?

Soltou uma risada repleta de desdém. Aquilo foi como uma bofetada em pleno rosto de Marshall. Ficou rubro de despeito e cólera, mas conseguiu se conter e até sorrir.

- Esperava ao menos que você se mostrasse mais delicada e compreensiva - disse muito baixo.

- Pois você é quem devia compreender que não me é possível correspondê-lo - olhava-o desafiante.- Ou se julga irresistível?

- Só posso dizer-lhe que muitas mulheres gostariam de ser amadas por mim - pronunciou Marshall, petulante.

Grace se virou de novo e o fitou com repugnância e ódio.

- Com aquele tipo de mulheres...! - exclamou raivosa. - Não tinham escolha!

- Não estou entendendo, Grace. Explique-se melhor! - Marshall estava intrigado.

- Pensa que eu iria ignorar sempre suas baixezas? - ela riu. - Pois saiba que conheço perfeitamente sua ligação com a filha do dono do armazém central. Ela se viu obrigada a entregar-se a você, por causa da dívida do pai e de como você iria cobrá-la - falou irada, mal se contendo diante daquele homem. - Agora, anda de mão em mão, coitada! E a filha daquele rancheiro... Wood.

Parou para tomar fôlego. Seus olhos cintilavam pela cólera e seu corpo tremia.

Marshall, perdendo o controle de si mesmo, deixou de lado a compostura e toda a educação que fingia possuir. Mostrou-se como realmente era um grosseirão, rude e sem a menor delicadeza.

- Idiota! - bradou. - Como conhece tudo isto?

- E não é só isto, canalha! - ela o enfrentou. - Sei de coisas que o levariam à força!

Aquilo teve o dom de devolver-lhe o domínio de si mesmo. Voltou a sorrir. Olhou para ela.

- Já sei quem lhe meteu tantas mentiras na cabeça - falou sorridente. - deve ter sido aquele pistoleiros assassino do próprio pai, para receber a herança. É Alex Carter!



Grace deixou escapar uma exclamação de, espanto e dor. Ademais, ficou terrivelmente pálida.

- Pelo que vejo, a notícia a colheu de surpresa observou, mesquinhamente. - Acaso não sabia disto?

Grace dominou-se.

- Só sei que ele é um homem de verdade, nobre e desinteressado, e o que é mais, incapaz de cometer um crime destes. Ao seu lado, você não passa de um tipo detestável - falou, vibrante.

- Maldita! - vociferou Marshall, completamente descomposto. - Será que está apaixonada por aquele sujeito?

Foi a vez de Grace parecer - totalmente transfigurada. Seus olhos tinham um brilho diferente. Via-se que acabara de descobrir algo muito importante e maravilhoso. Tinha uma expressão de total assombro.

- Como disse? - parecia ter gostado do que ouvira.- Pode repeti-lo?

- Apaixonou-se por aquele patife, aquele assassino - falava asperamente para magoá-la. - Somente uma mulher que não presta iria se interessar por ele. Como pôde ter descido a tanto, Grace ?

Ficou estupefacto com a reação de Grace. A moça, longe de se zangar, parecia estar ouvindo uma música melodiosa. Seus olhos brilhavam estranhamente e via-se que acabara de adquirir uma nova compreensão da vida... do amor. Estava extasiada .

Pelo visto, a jovem não se dera conta do perigo que corria depois das acuações que fizera. Nem mesmo parecia notar a presença de Marshall. Caminhou, como uma feliz sonambula em direção a seu cavalo.

Marshall alcançou-a e, puxando-a pelo braço, agitou um jornal velho diante de seu rosto.

- Grace, você se mostra uma demente. Não compreendeu? Aqui diz: «Matou o próprio pai».

Ela o fitou, como o faria a um estranho antipático .

- É mentira! - falou confiante e serena. - Afaste-se de mim, idiota!

Novamente tentou alcançar sua montaria, mas Lewis Marshall não estava disposto a deixá-la escapar. Seguiu-a e a deteve, bruscamente.

- Não pense que irá embora! - Antes de matá-la, exijo que me diga quem lhe disse tantas coisas. Conte!

Ela tentou desenvencilhar-se, mas não conseguiu. Deixou escapar um grito de raiva e de medo.

- Diga, quem lhe falou tantas coisas sobre mim?

- Meu pai, sabendo que não viveria para contar certas coisas, escreveu tudo num diário, onde relatou o que sabia, sem esconder nada. Não pode haver mais dúvidas.

- E foi por isto que ele morreu! - esbravejou o patife. - E agora morrerá você, cretina! Mas antes... -Tentou beijá-la na boca, mas a jovem conseguiu evitá-lo, dando-lhe um tapa no rosto.

- Que cena encantadora - apareceu Dora, sorrindo com desprezo. - Então, não me ama mais?

- Vá embora! - gritou Marshall, com um brilho de loucura no olhar. - Vá-se embora, já disse!

Dora, sem ligar importância, avançou.

- Você é louco! - exclamou. - Ter o poder nas mãos e deitar tudo a perder, por causa de uma zinha qualquer!

E, com um repelão, puxou Grsce, tirando-a dos braços de Marshall, que soltou um grito de cólera e frustração.

Grace aproveitou a chance e fugiu, espavori-da. Fustigou seu cavalo e saiu numa correria desabalada. Pouco faltou para sofrer um acidente, fie tal modo ela galopava frenética.

Marshall, que ficara paralisado pelo inesperado da cena, avançou contra Dora.

- Sua imbecil! - disse entredentes, no auge do ódio. - Sua intromissão fez com que ela me escapasse!

- E o que teme dela? - Dora dera uns passos para trás, temendo uma represália daquele que era cruel e mesquinho, ela bem o sabia. - Será que tem medo de uma simples pequena?

- Quem sabe, sua idiota! - e, levantando o braço, lançou um terrível bofetão no rosto de Dora, que caiu ao solo, com os lábios sangrando. - Ela poderá levar-me à força! E tudo por sua causa, idiota!

Grace, como que enlouquecida, batia no animal, forçando-o a uma carreira doida e arriscada. De vez em quando olhava para trás, temendo ser perseguida.

Perdera o controle de seus nervos, e estava à beira de um choque emocional. Lançava-se pelo caminho, sem poder perceber o perigo à que se expunha. Sua charrete corria velozmente.

Foi quando Alex avistou-a. Num segundo, pôde compreender que algo de errado se passava com a moça. Esporeou seu cavalo e saiu num galope desenfreado atrás dela. O animal era magnífico e deu o que podia, naquela disparada.

Grace, quando se virou e avistou aquele cavaleiro envolto numa nuvem de pó, ficou aterrada. Não conseguiu identificá-lo e, quase histérica, fustigou mais ainda o animal. O cavalo, também meio enlouquecido, parecia querer voar.

Alex percebeu o perigo de morte que a moça corria. Conseguiu diminuir a distancia que os separava. Gritou para ela, que no entanto, parecia não ouvi-lo.

Finalmente, quando Alex chegou a seu lado, Grace o reconheceu. Teve uma

expressão de alívio e, sem pensar, largou as rédeas. Foi o bastante. O cavalo perdeu as estribeira e saiu sem rumo.

Justo quando Alex ia atingi-la, a charrete se chocou contra uma árvore, perdendo uma de suas rodas. Ouviu-se um chiado terrível, quando finalmente ela perdeu o equilíbrio, e caiu pesadamente.

Alex conseguira pular sobre a jovem e a protegia com seu corpo. Os dois giraram doidamente, no meio de tábuas e ferros. O cavalo tentava desesperadamente colocar-se sobre as quatro patas.

Alex, perto da inconsciência, ainda teve sangue frio suficiente para empurrar a moça para um lado, a fim de escapar dos cascos do furioso animal.

- Você me salvou - sussurrou Grace comovida, quando voltou a si.— Vi o quanto se arriscou, quando saltou para me livrar da morte.

- Não pense nisso - disse Alex, examinando-a com o olhar. - Você está bem?

- Graças a você, Alex - sua voz e seu corpo tremiam, e Alex teve a intuição de que

não era por causa do acidente. - Tenho o corpo dolorido, mas estou feliz... E você?

- Não sei... Meu braço ferido parece...

- Deixe-me ver - ela falava com determinação e o olhava de maneira estranha. Alex se sentiu diferente, como nunca havia se sentido. - Tenho que cuidar do ferimento.

O rapaz percebeu um novo olhar em Grace. Parecia vê-lo pela primeira vez. E neste olhar havia um mundo de carinho, parecia também estar pendente dele.

Alex puxou a manga da camisa e deixou o braço descoberto. A ferida estava sangrando.

- Graças a Deus não é grave - disse ela aliviada. — Basta lavá-la e fazer um curativo.

- Voltemos - disse Alex.

Mas nenhum deles se moveu. Estavam ambos caídos na relva, com suas cabeças quase se tocando e com os olhos perdidos um no outro.

- Alex — murmurou ela - Alex...

- Grace, adorada Grace! - sussurrou ele emocionado.

Uniram-se num beijo desesperado e delicioso, ao mesmo tempo.

- Estamos apaixonados, Grace - disse ele baixinho.

- Sim. É maravilhoso. Eu o amo, Alex! - exclamou num sussurro.

E, vagorosamente, montaram no cavalo de Alex, afastando-se do local onde revelaram seus sentimentos.



## CAPÍTULO IX

ALEX deixou Grace em sua casa, e foi até a loja do ferreiro, onde era esperado, segundo o avisara um empregado do Senhor Wahite.

Chegando lá, encontrou um grupo de oito a dez homens, fora Wahite. Lá estava o rancheiro Jeremias Wood e o dono do armazém central, Lionel Moore.

- Sr. Carter, estes senhores têm algo a dizer-lhe - falou o ferreiro.

Virou-se para o grupo de homens, dizendo-lhes:

- Falem.

Quem tomou-a palavra foi Lionel Moore.

- Senhor Carter - sua voz soava estranhamente emocionada. - Temos silenciado todo o tempo, sem sabermos se podíamos contar com alguma ajuda, em nossa revolta contra o homem que nos tem sob seu controle maldito, o homem que é o maior canalha que há e que se intitula juiz. O senhor sabe de muitas coisas, mas ignora outras, que nós não contamos a ninguém,

apesar da insistência do xerife Arden para que falássemos...

- O Senhor Arden deixou um relatório completo - disse Alex, interrompendo a Moore.

- Bem, mas só terá feito suposições e afirmado coisas de que tinha apenas uma intuição. Talvez estivesse certo em tudo... - prosseguiu Moore. - Mas, nós não revelamos tudo a ele, para evitar que corresse um perigo grave, estando ciente de tantas coisas comprometedoras. Sabe, ele já estava velho... Mas, agora temos a certeza que o senhor poderá nos ajudar a destruir o império de Marshall em Scott City. É jovem, valente e hábil.

- Continue com o que dizia, Senhor Moore - pediu o rapaz.

- Aquele miserável enganou minha filha, como também a de Wood e quem sabe quantas, pro-metendo-lhes casamento - sua voz transformou-se quase num soluço. Crispou as mãos. - Afastou-as daqui...

- Não precisa se torturar mais, Senhor Moore - disse Alex, apiedado. - Diga o que pretendem de mim, e para que se reuniram aqui?

- Queremos agir o mais depressa possível - falou Jeremias Wood pela primeira vez. - Queremos que o senhor nos comande e nos guie. Verá que saberemos lutar. Precisamos apenas de um guia de sua experiência.

Alex assentiu.

- Posso perfeitamente compreendê-los - disse apaziguador. - Sei como anseiam por vingança, e de como esperam que se faça justiça; tudo é justificável. Mas, devemos agir com muita prudência e sem falhas... Marshall é poderoso e tem muitos homens ao seu dispor, lembrem-se que há gente ainda que crê em sua honestidade e lutariam por ele. Além de tudo, é inteligente e cheio de artimanhas.

- Então... - murmurou Moore, desanimado.

- Contem comigo, mas não para lançá-los numa luta a tiros, nem para um ataque aos domínios de Marshall...

- Lembre-se que somos dez homens, dispostos, a tudo, Senhor Carter.

- Também não esqueço que ele possui trinta ou mais à sua disposição, além dos que pode arranjar com sua fortuna... Não,

acho melhor agirmos com astúcia é paciência. Devem fingir que continuam acreditando nele, para o atacarmos no momento preciso.

- Pensa em preparar-lhe uma armadilha?

- Exatamente. Se ele continuar certo de que vocês estão acovardados, de que nada farão contra ele, pode resolver-se a voltar; talvez possamos fazê-lo. . .

Interrompeu-se, meditando. Olhou para o grupo à sua volta.

- Tive uma idéia.. . Onde estão Leo e Rob?

- Rob está na delegacia. E Leo p mais outros dois, vigiando a casa da Senhorita Arden, como o senhor ordenou.

- Bem, vejamos meu plano.

Alex falou durante meia hora. Seus ouvintes estavam entusiasmados. - Creio que o plano não falhará - terminou.

- Temos certeza disto, Senhor Carter - responderam em coro.

Pouco depois, só ficavam ali o ferreiro e seu empregado.

Arregimentaram mais três rancheiros de confiança, os quais conseguiram reunir

uma dúzia de homens armados. Alex distribuiu-os pelos caminhos que levavam à cidade e pelas várias ruas.

A noite se aproximava. Alex deu as instruções finais aos homens e foi à casa de Grace, fazer novo curativo em seu braço.

- Você está quase bom, Alex - falou ela alegremente. - A ferida está cicatrizando rápido, o que prova sua saúde perfeita.

- São as suas mãos de fada que realizaram o milagre, Grace.

Quando se despedia da moça, ouviu uma voz exclamar, lá fora:

- Alex Carter, maldito assassino, vai morrer!

A voz de homem era repleta de ódio e de desejo de vingança.

O rapaz foi até a janela e olhou para fora. Às suas costas, Grace tremia dos pés à cabeça.

No meio da rua, estava um homem alto e magro, mas de ombros largos e expressão enérgica.

Vestia um traje de vaqueiro, novo e levava um quarenta e cinco na cintura.

O que mais impressionava em sua figura elegante, eram suas mãos finas e

bem cuidadas, de dedos longos e pálidos. A direita estava encostada no coldre, junto à culatra de madreperla.

- Alex não saia - implorou Grace, amedrontada . - Esse homem é perigoso.

- Como pode sabê-lo, garota? - perguntou-lhe friamente.

- Papai guardava numa caixa todos os recortes de jornais que publicavam fotografias de bandidos procurados, vivos ou mortos. E posso reconhecer este aí. Dizem que era o mais perigoso e o mais cruel de todos...

- Sim, Grace, mas isto não será impedimento para que eu saia e o enfrente - disse ele, interrompendo-a.

- Ele o matará, meu querido - disse num fio de voz. - Sempre ouvi dizer que ele é o melhor atirador do Oeste e não tem pena de ninguém...

- Por isso mesmo eu...

- Então, seu maldito covarde - gritou de novo o famoso e perverso pistoleiro, lá fora.

- Vai sair, ou tem medo ? Peter Struber o espera para matá-lo!

Alex caminhou até à porta.

- Alex, não vá - suplicou Grace. - Você morrerá, se o fizer!

- Tenho que ir compreenda.

Ela perdeu o controle e gritou, desesperada:

- Não posso compreender porque tenha que morrer - soluçou. - Nada o obriga...

- Chamou-me de covarde... - objetou ele. Ela o enlaçou e passou os braços em seu pescoço.

- Alex, minha vida, faça-o por mim - chorou. - Não quero perdê-lo, agora que sei o quanto o amo. Fique, não há esperança de voltar com vida, meu amor.

- Não posso, querida. Tenho que arriscar. Não sou um covarde.

- Oh, Alex, não há quem ignore o quanto você é valente e corajoso - soluçou. - Não precisa sair, só porque um bandido não sabe o que diz!

- Se ficar, ele me perseguirá, até o fim - disse enérgico. - Nem dormir eu poderei.

E assim dizendo, afastou-a de si indo para a porta.

- Pois bem vá! - gritou ela, num assomo de nervosismo. - Você bem me disse que tem prazer em ver as pessoas tombarem

ante seu revólver. Sim, não pode perder um duelo, não é? Eu estarei aqui, contemplando a sua morte, Alex. Será um belo espetáculo!

Alex abafou uma exclamação de pesar e saiu para rua. Em poucas passadas alcançou o pistoleiro desafiante. Este sorriu sinistramente.

- Pelo que vejo, enganavam-me. Disseram-me que era um covarde - sorriu de novo. - Terei maior prazer em matá-lo, sabendo que não o é. E pedirei mais dinheiro para isso.

- Então, recebe dinheiro para matar-me - Alex falara com desprezo. - Que classe de homem é você?

O outro o olhou com ódio.

- Dizem que sou a pior espécie que há - vociferou. - Pois eu ambiciono muito mais. Quero ser o mais sanguinário e o mais odiado de todos que andam pelo mundo.

- Já compreendi, Struber - Alex falou condescendente. - Você odeia a sociedade, pelo mal que ela lhe fez.

- Você está certo, xerife... - sorriu o pistoleiro amargamente. - Veja o meu pé direito, como é torto. Pois... - interrompeu-



se. - Mas, para que tanta conversa? Prepare-se para morrer!

- Acontece, Struber, que eu posso matá-lo e gostaria de saber quem será morto pelos meus revólveres.

Struber deu uma gargalhada.

- Você, matar-me? Só mesmo rindo! Ainda não nasceu aquele que possa fazê-lo

- Então não admite que eu o mate?

- Sei que é impossível. Mas, vou contar-lhe minha história. Isto porque gostei de seu tipo. Enfrenta a morte e não perde a linha.

- Estou escutando-o, Struber.

- Um dia, tinha eu doze anos apenas, um carro passou sobre o meu pé, deformando-o. Desde então, fui objeto de galhofas e de maus tratos. Ninguém me dava trabalho e todos abusavam de mim, achando que não poderia defender-me - falava num tom amargo e cheio de ressentimento.

- Não frequentei o colégio, dedicando-me a meu único companheiro fiel: o revólver. Resolvi que seria meu meio de vida...

- Na verdade, Struber, você é digno de pena - Alex estava comovido, não pela

história em si, mas pelo tom em que fora narrada.

- Não preciso de sua compaixão! - gritou o pistoleiro, furioso. - Sempre desejei um pouco de bondade e compaixão, e ninguém me atendeu! Agora, não sei mais o que significam estas palavras. Mas também não as necessito mais. Prepare-se, portanto, para morrer...!

E deu uns passos para trás, olhando fixamente para Alex.

- Não poderia antes dizer me quem o mandou matar-me?

- Não lhe adiantaria mesmo. Vamos, saque! E não se preocupe, xerife, sei bem o que é o sofrimento físico, por isso não deixo ninguém sofrer, quando mato. Prometo-lhe que nem sentirá quando eu disparar!

Levou a mão ao gatilho, apontando para o coração de Alex Carter. Foi tamanha a rapidez, que impressionava, quando sacou o revólver.

- Alex, Alex! - Dora veio correndo e se colocou entre os dois contendores. Agitava um papel nas mãos. - Você não foi.. .

Não terminou o que ia dizer. A bala que era destinada a Alex, passou, indo cravar-se

em sua cintura. Dora caiu pesadamente. Alex também disparou, mas fazendo a bala passar por cima da cabeça do bandido.

- Veja, Struber, você poderia ter feito o mesmo! - gritou, censurando o pistoleiro, que ficara indeciso.

- Seria impossível, amigo - gritou Struber, enquanto Alex levantava Dora,

- Dora... como pôde agir tão cegamente...- murmurou.

- Ande, rapaz... Tenho pressa! - exclamou Struber friamente. - Deixe esta mulher e vamos terminar isto de uma vez.

Alex o olhou, friamente.

- Mate-me, se quiser, mas antes irei tratar desta moça - disse resolutamente.

- Porque o faz?

- Porque ela é um ser humano, como eu.

E se voltou de novo para a moça, ignorando o inimigo.

Levou a moça em seus braços para a casa de Grace, que já abria a porta, perguntando quem era aquela jovem.

- Fomos criados juntos, Grace. Nessas famílias eram amigas de muitos anos.

Depositou Dora numa cama e a deixou aos cuidados de Grace, indo depois chamar a criada.

- A senhorita precisa de você - disse, indo à saleta.

Pouco depois, Grace ia ao seu encontro.

- A ferida não é tão grave - foi dizendo.

- Consegui extrair a bala, mas ela vai precisar de um repouso de três semanas, pelo menos.

- Ela voltou a si ? - perguntou ele. Ante a resposta afirmativa, ele disse: - Vou vê-la e apanhar o papel que tinha nas mãos. Ademais, Struber me espera.

Foi então ao quarto onde estava Dora.

- Como está, Dora? - perguntou solícito. Ela estava muito pálida e o olhava de maneira estranha.

- Perdoe-me, Alex! Preciso dizer-lhe uma coisa.. . Sei que você está zangado comigo e tem razão. Mas deve me perdoar! Estou arrependida do mal que lhe fiz...!

- Bem, se é só isso... - sorriu Alex.

- Não, há mais. Você sabe o quanto fui mimada e... quanto sou caprichosa... Pois bem, só me dei conta disto, quando Marshall me agrediu lá no cemitério.. .

- Ele agrediu-a! - Alex ficou furioso. - Ah, mas há de pagar caro, o canalha!

- Não, Alex, não vale a pena - pediu ela.

- E depois, a surra valeu, pois me fez compreender o quanto andei errada, durante tanto tempo de minha vida... Compreendi também que não se pode torcer o destino conforme desejamos.

- Está bem, garota - Alex tornou a sorrir.

- Agora, descanse.

- Espere. Há algo mais - Dora levantou o busto. - Pensei amá-lo, Alex, mas foi mais um dos meus caprichos. Fiquei revoltada quando o vi partir aquele dia. Nunca deixara de possuir aquilo que desejasse. Mas, agora, quero que me perdoe!

- Sim, Dora. Não se fala mais nisso.

- Obrigada, Alex.

E tirou de sob o lençol, o papel que tinha antes nas mãos.

- Tome, Alex, leia. É uma carta de Roger. Entre outras coisas, a carta dizia: «Lembra-se daquele índio, que o pai de Alex despediu, por ter roubado umas jóias de sua esposa? Pois bem, foi ele quem, com ódio e querendo se vingar, matou o ex-

patrão. Escondeu-se num matagal e, quando Alex disparou, ele também o fez, mas em direção ao coração de nosso pobre amigo. Agora, arrependeu-se e confessou tudo. Como vê, não foi Alex quem matou o pai...»

A reação de Alex foi tão violenta, que ele ficou lívido e Dora julgou que fosse desfalecer.

- Alex, por favor, acalme-se!

O rapaz procurou se controlar, conseguindo-o após um esforço tremendo.

- Você conseguiu demonstrar sua inocência Alex! - exclamou Dora contente. - A Senhorita Arden me contou de como você desviou o revólver, no último segundo, quando eu me coloquei entre os dois. O mesmo aconteceu com seu pai. Automaticamente, você desviou sua arma, quase sem o sentir.

A jovem caiu sobre o travesseira, exausta.

- Dora - exclamou Alex emocionado - posso beijá-la no rosto?

- Claro que sim! - exclamou sorrindo. - Não seria a primeira vez.

Alex roçou os lábios nas faces da moça. Não percebeu o estremecimento que percorreu o corpo dela.

Saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

- Eu o amo com todo o meu coração! Oh, meu Deus, ajudai-me a ter forças! - soluçou ela. quando se viu sozinha.

Alex ia sair, pois avistara Struber à sua espera, mas encontrou-se com Grace Arden.

- Pena que a moça tenha se metido no meio - gritou o bandido lá de fora. - Você talvez tivesse feito bonito... Chegou a disparar... .

- Agora quem está com pressa sou eu, Struber. Acabemos de vez com isso - interrompeu-o Alex.

- Quero dizer-lhe que empregarei toda minha perícia.

- Vamos, saque!

Struber calou-se. E, num movimento rápido, sacou do revólver e atirou. Por questão de décimos do segundo, Alex foi mais ligeiro. De seu colt, partiu um disparo que foi desarmar o pistoleiro contratado .

O homem ficou boquiaberto pelo assombro.

- Mate-me! - gritava Struber. - Mate-me, eu lhe peço!

Alex fez um movimento com a cabeça, negando.

- Não o farei - declarou. - Mas agora, vá embora, para bem longe. E pense bem no que aconteceu hoje.

O bandido ficou abatido, de cabeça baixa e braços caídos ao longo do corpo.

- Porque não me matou? - perguntou amargamente. - Tem pena de mim? Será possível que me tenha deixado viver porque tem pena e não quer me matar?

- Sim, porque tenho pena de você e por outras coisas mais... Por exemplo, não posso dispor da vida de ninguém. Só mato para defender-me.

- Sempre agiu assim?

- Sempre. E mesmo assim, quando mato, sinto-me terrivelmente mal.

Struber o olhava como se não acreditasse no que seus olhos viam e no que ouvia.

- Mas afinal, que classe de homem é você? - perguntou.

- Engraçado, eu lhe fiz a mesma pergunta, antes de me contar a sua vida -



disse Alex. — Pois eu sou como tantos outros que há pelo mundo, nada mais.

- Pois é a primeira vez que encontro alguém como você - declarou Struber.

- Porque você nunca se preocupou em conhecer seus semelhantes - respondeu Alex. Quando Alex ia embora, Struber o deteve, deixando cair o cinturão.

- Talvez eu morra de fome, pois não aprendi outra coisa senão atirar - disse Struber - mas nunca mais atirarei em minha vida.

Virou-se e se afastou pela rua, arrastando os pés e cabisbaixo.

Alex o contemplou até vê-lo desaparecer de vista.

## CAPÍTULO X

- Senhor Marshall, pode contar conosco - disse Leo sorrindo. - o tal de Carter nos enganou miseravelmente.

- O senhor é que representa o povo de Scott City, Senhor Marshall. E foi o Senhor Wahite quem nos mandou aqui... - completou Rb.

- O Senhor Wahite ? - estranhou Marshall.

- Sim. Sabe, o cretino do Carter foi finalmente preso e o Senhor Wahite quer que seja o senhor a julgá-lo.

Marshall ficou contentíssimo com a notícia, embora tenha procurado disfarçar sua reação.

- Está bem, rapazes - acabou concordando.

- Vão ao Rancho do Demônio.

E garatujou um recado para os Duncan o bilhete dizia o seguinte:

«Mande todo o pessoal para um bloqueio de todas as saídas da cidade - dizia a nota. - Não deixe ninguém escapar.»

Os rapazes partiram, levando a mensagem. Marshall começou a dar as ordens. Em breve, seu cavalo estava pronto, à sua espora.

- Você se queixou de que eu não o usava para nada - disse ao pistoleiro chamado para secundá-lo. - Acompanhe-me. Estou com a cidade em minhas mãos, mas quero deixar bem claro quem é que manda. De quantos homens dispõe?

- De oito ou dez, dos melhores pistoleiros...

- Então, partamos para Scott City.

No caminho, juntaram-se a eles os Duncan. com mais três sujeitos mal-encarados.

- Qual é seu plano, Lewis? - procurou saber.

- Preciso apossar-me de uns papéis que o xerife Arden tinha em seu poder e que contêm provas contra mim - explicou. - Devem estar em sua casa.

- Mas o tal Carter agora é quem manda na cidade, Marshall.

- Ele está é preso. Os cidadãos de Scott City acharam melhor prendê-lo. E querem que eu vá julgá-lo.

Ao meio-dia, chegaram à cidade. Ela parecia meio deserta. Marshall distribuiu seus homens, dando-lhes ordens.

Depois, caminhou em direção à casa de Graça Arden, acompanhado de um pequeno grupo. Encontrou-o Dora, que vinha caminhando em vias de recuperação, apesar de mancar um pouco. A bala que Struber lhe enviara apenas passara de raspão.

- Você tinha razão, Lewis - disse logo que chegou perto do patife. - A moça tem os tais papéis que...

- Eu sei, Dora - deu-lhe um tapinha amistoso. - Ela mesma me disse, lá no cemitério, naquele dia... Há alguém dentro de casa?

- Vigiei o dia inteiro - ela caminhava a seu lado, com dificuldade. - Posso assegurar-lhe que só estão as mulheres.

Marshall sorriu.

- Fiquem aqui fora, enquanto eu entro - disse aos que a acompanhavam.

Bateu à porta e foi logo atendido.

- Grace - foi direto ao assunto - quero os papéis que tem e que são uma prova contra mim. Onde estão?

- Não sei...- começou Grace dizendo, ao mesmo tempo que se afastava para um lado.

- Bem que o sabe, sua tola! Chegue para lá! - e a empurrou rudemente.

- Os papéis estão comigo, Marshall. Venha apanhá-los! - era Alex Carter quem falava, dentro da salinha.

Marshall soltou uma exclamação, acompanhada de palavras grosseiras. Ficara livido e não pôde controlar um espasmo convulsos. Estava atarantado.

- Tome os papéis - provocava-o Alex, agitando os documentos. - Não os quer?

- Olhe que estou com toda a cidade de meu lado. Você está perdido - ameaçou Marshall.

- É melhor garantir-se. Leve os papéis, que poderão estragar sua reputação - insistiu Alex.

A tentação era grande demais. E Marssall via a mão de Alex longe do coldre... Saltou em direção à Grace, protegendo-se com o seu corpo. Solto um grito de triunfo.

- Morra, maldito! - bradou!.

Foi o momento de se comprovar definitivamente a perícia de Alex como

atirador. Sacou com uma ligeireza fora do comum e, com suprema habilidade e cálculo certo, atirou.

A bala passou sob o braço de Grace, indo alojar-se na garganta do desonesto juiz. Marshall caiu, arrastando Grace para o chão. Ouviu-se um barulho na rua. Eram disparos de rifle. Alex correu para a porta, mas a jovem o deteve por um braço, levando-o até à janela.

Viram Dora correndo em direção à casa. Uns vinte homens faziam pontaria contra os de Marshall, inclusive os Duncan. Os bandidos atiraram suas armas ao solo e se entregaram. Alex saiu, junto com as duas moças.

- Vamos tranca-los na cadeia. Depois, iremos dar caça aos que estão pelos arredores da cidade - disse um homem.

- Não é preciso - disse Alex. - Irão embora.

Mas os rapazes estavam decididos e partiram a galope, comandados por Leo e por Rob. Em pouco, chegavam pistoleiros algemados e prontos para serem postos nas grades.

À noite, Alex e Grace foram visitar Dora, que já estava na companhia do seu irmão Roger.

- Iremos embora amanhã do manhã - informou Dora. - Nada mais nos prende aqui.

- Ah, é? Então não vai querer ser nossa madrinha de casamento? - indagou Alex, fingindo seriedade

- Oh, Alex, se você quer realmente, eu e Roger seremos seus padrinhos...

Duas semanas depois, Alex e Grace se casavam. Após a cerimônia, foram os noivos levar os irmãos à estação.

Quando a diligência partiu, Dora estava com os olhos cheios de lágrimas.

- Ela não consegue mentir, Alex. - Lê-se em seus olhos que o ama - disse Grace, talvez um pouco enciumada.

**F I M**